



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

NOMES E PREDICADOS NOMINAIS EM KAIOWÁ

LÍVIA RIBEIRO VIEGAS

**DOURADOS/MS
2017**

LÍVIA RIBEIRO VIEGAS

NOMES E PREDICADOS NOMINAIS EM KAIOWÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (Linguística e Transculturalidade).

Orientador: Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins

**DOURADOS/MS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

V656n Viegas, Livia Ribeiro
Nomes e predicados nominais em Kaiowá / Livia Ribeiro Viegas --
Dourados: UFGD, 2017.
102f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Andérbio Márcio Silva Martins

Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Comunicação, Artes e
Letras, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Descrição linguística. 2. Língua Kaiowá. 3. Nomes e predicados
nominais. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Livia Ribeiro Viegas

Nomes e Predicados Nominais em Kaiowá

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andrébio Márcio Silva Martins – Orientador e Presidente da Banca

PPG Letras/FACALE/UFGD Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcos Lúcio de Souza Góis – Membro Titular

PPG Letras/FACALE/UFGD Assinatura: _____

Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira -Membro Titular

UEA/LALLI-UnB Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral – Membro Titular

PPGL/LIP/UnB Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Candida Graciela Chamorro Arguello - Membro Suplente

PPGAnt/PPGH/UFGD /UFGD) Assinatura: _____

*Aos professores e futuros professores
Guarani e Kaiowá;*

*Ao povo Kaiowá da Terra Indígena
Panambizinho;*

*Ao meu orientador Prof. Dr. Andérbio
Márcio Silva Martins, por me apresentar
as línguas indígenas, especialmente a
língua Kaiowá.*

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por estar sempre comigo e por ter colocado pessoas tão especiais ao meu lado durante o período que realizei este trabalho.

À minha mãe, Neuzinha Ribeiro, minha maior incentivadora, pelo apoio e amor incondicional. Tenho orgulho em tê-la como mãe e amiga. Amo você!

Ao meu irmão Cleiton Viegas e a minha cunhada Mathilde Isabel que se fizeram presente no dia da defesa de uma forma especial. O apoio de vocês foi essencial neste dia.

Ao meu orientador Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins pela confiança, paciência, atenção e pela impecável condução neste trabalho. Agradeço também pela oportunidade de trabalhar ao seu lado e por acreditar no meu potencial de uma forma que eu não acreditava ser capaz de corresponder. O seu profissionalismo e a sua dedicação ao estudo das línguas indígenas são referências para minha vida acadêmica e profissional. Tenho orgulho em dizer que fui sua orientanda. A você, Professor, serei eternamente grata!

Aos professores Ana Suelly Arruda Camara Cabral, Graciela Chamorro e Sanderson Castro Soares de Oliveira pelas contribuições significativas na seção de defesa.

Aos meus amigos de mestrado, Blanca Flor e Genildo Mamede, pelos momentos vividos e compartilhados durante as disciplinas, em eventos e nos encontros com o nosso orientador. Foi muito bom contar com vocês!

Aos alunos da área de Linguagens do *Teko Arandu* – turmas 2012 e 2013 nas pessoas de Fábio Conscianza e Geisabel Veron, moradores de Panambizinho, que sempre estiveram dispostos a me ajudar na descrição desta língua tão linda – a língua Kaiowá!

Aos professores e técnicos da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, pela acolhida e parceria nos momentos de trabalho. Agradeço de forma especial às pessoas que trabalham mais próximas a mim e que me acompanharam na fase de finalização da dissertação: Prof. Dr. Cássio Knapp, Prof. Esp. Hemerson Catão e Prof. Ms. Adriana Oliveira de Sales e a secretária do *Teko Arandu* – Vera Pael. Vocês são demais!

À Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Letras da FACAILE pelo apoio e compreensão durante o período de curso.

Às minhas amigas de sempre, Andréa Mara, Marta Bento e Hellen Lowrine. Obrigada pela amizade!

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo realizar um estudo descritivo acerca dos nomes e predicados nominais em Kaiowá. Trata-se de uma proposta de análise do ponto de vista morfológico e sintático da categoria Nome nessa língua. Alguns trabalhos sobre esse assunto já foram realizados, podemos destacar os de J. Taylor & A. Taylor (1966, s/d), Bridgeman (1981, 2001) e Cardoso (2001, 2008). No entanto, as descrições realizadas carecem de um tratamento mais aprofundado sobre os processos de flexão, derivação e composição, do ponto de vista morfológico, bem como uma discussão mais sistemática sobre argumento e predicado, do ponto de vista sintático. Por conta das lacunas existentes e da necessidade de um estudo mais sistematizado acerca dos nomes e predicados nominais, propomos realizar uma revisão desses pontos da gramática Kaiowá a fim de aprofundarmos o conhecimento de uma das principais categorias existente nessa língua: o nome. Ressaltamos que a língua Kaiowá pertence ao sub-ramo I da família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1984/1985) e que, por esse motivo, lançamos mão das descrições disponíveis das línguas dessa família linguística com um intuito de compreender o comportamento dos nomes e a construção de predicados nas línguas irmãs do Kaiowá. Este estudo visa fortalecer as evidências de afinidades genéticas e compreender os processos de mudanças que ocorreram ao longo do tempo sobre os aspectos a serem descritos para essa língua, mas também identificar os aspectos conservadores no que diz respeito à forma e à função dos nomes e seus predicados. Este trabalho está fundamentado em Rodrigues (1947, 1951, 1952, 1953, 1981, 1996, 2000, 2001, 2010), Cabral (2001, 2007), pois são trabalhos que se destacam nos estudos descritivos de línguas Tupí e Tupí-Guaraní. Para a compreensão dos nomes e de suas propriedades estruturais e distribucionais, fundamentamos nossa proposta de descrição em Dixon (2010), Payne (1997) e Bybee (1985). Com a presente pesquisa, espera-se contribuir para o melhor entendimento da categoria nome em Kaiowá, para a revisão de dicionários já existentes dessa língua, assim como a revisão de gramática e para a produção de materiais didáticos a serem utilizados nas escolas das comunidades indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul e de outras localidades.

Palavras-chave: Descrição Linguística; Língua Kaiowá; Nomes e Predicados Nominais.

ABSTRACT

The present dissertation aimed to make a descriptive study about names and nominal predicates in Kaiowá. It is a proposal for analysis from the morphological and syntactic point of view of the Name category in that language. Some works on this subject have already been carried out, we can highlight those of J. Taylor & A. Taylor (1966, s / d), Bridgeman (1981, 2001) and Cardoso (2001, 2008). However, the descriptions performed need a more thorough treatment of the processes of inflection, derivation and composition, from the morphological point of view, as well as a more systematic discussion about argument and predicate, from a syntactic point of view. Because of the existing gaps and the need for a more systematic study of nouns and nominal predicates, we propose to revise these points of the Kaiowá grammar in order to deepen the knowledge of one of the main categories in this language: the noun. We emphasize that the Kaiowá language belongs to sub-branch I of the Tupí-Guaraní family, according to Rodrigues (1984/1985) and that, for this reason, we use the available descriptions of the languages of this linguistic family in order to understand the behavior of the nouns And the construction of predicates in the sister languages of the Kaiowá. This study aims to strengthen the evidence of genetic affinities and to understand the processes of changes that have occurred over time on the aspects to be described for that language, but also to identify the conservative aspects with respect to the form and function of the nouns and their predicates. This work is based on Rodrigues (1947, 1951, 1952, 1953, 1981, 1996, 2000, 2001, 2010), Cabral (2001, 2007), since they are works that stand out in the descriptive studies of Tupí languages And Tupí-Guarani. In order to understand the nouns and their structural and distributional properties, we base our description proposal on Dixon (2010), Payne (1997) and Bybee (1985). With the present research, it is hoped to contribute to the better understanding of the noun category in Kaiowá, for the revision of existing dictionaries of that language, as well as the revision of grammar and for the production of teaching materials to be used at schools of the indigenous communities Guarani and Kaiowá of Mato Grosso do Sul and other locations.

Keywords: Linguistic Description; Kaiowá language; Nouns and Nominal Predicates.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Povos e Terras indígenas em Mato Grosso do Sul.....	16
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação gráfica e fonética das vogais da língua Kaiowá	35
Quadro 2: Representação gráfica e fonética das consoantes da língua Kaiowá.....	35
Quadro 3: Trabalhos realizados sobre a língua Kaiowá	37
Quadro 4: Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena – <i>Teko Arandu</i>	38
Quadro 5: Nomes masculinos em Kaiowá (CONSCIENZA, 2017)	51
Quadro 6: Nomes Femininos em Kaiowá (CONSCIENZA, 2017)	52
Quadro 7: Prefixos Relacionais do Tupinambá (quadro extraído de Cabral 2001, p. 237)	54
Quadro 8: Divisão dos temas proposta por Rodrigues (1981) (quadro extraído de Cabral, 2001, p. 237).....	55
Quadro 9: Relacionais em Kaiowá.....	63
Quadro 10: Distribuição dos Temas do Kaiowá em Classes e Subclasses	64
Quadro 11: Flexão casual em temas nominais em Tupinambá segundo Rodrigues (1996)	71
Quadro 12: Afixos endocêntricos em Tupinambá e em Kaiowá	75
Quadro 13: Afixos exocêntricos nominalizadores de temas verbais em Tupinambá e em Kaiowá.....	75
Quadro 14: Nominalizadores de frases em Tupinambá e em Kaiowá.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 – Primeira pessoa do singular
- 2 – Segunda pessoa do singular
- 3 – Terceira pessoa
- 1pl.excl – Primeira pessoa do plural exclusiva
- 1 pl. incl. – Primeira pessoa do plural inclusiva
- 2pl – Segunda pessoa do plural
- R¹ – Relacional 1
- R² – Relacional 2
- R³ – Relacional 3
- R⁴ – Relacional 4
- ABL – Ablativo
- AGENT – Agentivo
- ARG – Argumento
- AH – Agente Habitual
- ATEN – Atenuativo
- ASSOC – Associativo
- CAN – Colônia Agrícola Nacional
- CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados
- CAUS – Causativo
- COL – Coletivo
- CIRC – Circunstancial
- C.COM – Causativo Comitativo
- C.PREP – Causativo Prepositivo
- COMPL – Completivo
- DES – Desiderativo
- DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos
- DAT – Dativo
- DAT.PRON – Dativo Pronominal
- DIM – Diminutivo
- ENF – Enfático
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INTENS – Intensivo

INST – Instrumentivo

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SIL – Summer Institute of Linguistics

SUBJ – Subjuntivo

T.I. – Terra Indígena

LP – Locativo Pontual

LD – Locativo Difuso

LS – Locativo Situacional

NEG - Negação

NOM – Nominalizador

N.OBJ – Nominalizador de Objeto

PAC – Paciente

PP – Partícula Pluralizadora

PRIV – Privativo

PROC – Procedência

POSP – Posposição

PROSP – Prospectivo

RETR – Retrospectivo

REFL – Reflexivo

TRANSL – Translativo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVO KAIOWÁ	22
1.1 Breve histórico do povo Kaiowá	23
1.2 A realidade atual do povo Kaiowá	24
1.3 A Aldeia Panambizinho	26
1.4 A realidade do ensino da língua Kaiowá na Aldeia Panambizinho.....	29
CAPÍTULO II – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS ACERCA DA LÍNGUA KAIOWÁ	33
2.1 A língua Kaiowá.....	33
2.2 Pesquisas linguísticas em Kaiowá	35
CAPÍTULO III – A CLASSE DE NOMES EM KAIOWÁ	41
3.1 A classe gramatical dos nomes	41
3.2 Nomes em Kaiowá segundo Cardoso (2008)	44
3.3 A classe de nomes na língua Kaiowá – uma proposta de descrição.....	49
3.3.1 Sobre os morfemas flexionais nos nomes em Kaiowá	53
3.3.1.2 Prefixos Relacionais	53
3.3.1.3 Sufixos casuais	70
3.4 Sobre os morfemas derivacionais nos nomes em Kaiowá.....	74
3.5 Composição em Kaiowá.....	84
CAPÍTULO IV – PREDICADOS NOMINAIS EM KAIOWÁ	88
4.1 Predicados nominais	88
4.2 Predicados nominais segundo Cardoso (2008).....	89
4.3 Predicados nominais em Kaiowá – uma proposta de descrição	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma descrição acerca dos nomes e predicados nominais da língua Kaiowá. Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que a motivação para a escolha desse tema vem da nossa formação em Letras, a qual nos reporta a ampliar o conhecimento de aspectos culturais de um povo por meio da língua. Posteriormente, o interesse pelas línguas indígenas, sobretudo a língua Kaiowá, surgiu após um trabalho de Especialização em Educação, no qual procuramos fazer um levantamento sobre os trabalhos já realizados em Mato Grosso do Sul com a temática línguas Guarani e Kaiowá¹.

A partir disso, com a entrada no Programa de Pós-Graduação em Letras, surgiu a oportunidade de fazer uma pesquisa voltada para a descrição linguística. Considerando que o Mato Grosso do Sul é o segundo estado em população indígena do Brasil com aproximadamente 61.730 mil indígenas de cerca de 12 etnias, sendo que os Kaiowá e Guarani apresentam-se com o maior contingente populacional (IBGE, 2010), salientamos a importância de pesquisas que envolvam a língua e a cultura dos povos indígenas que aqui estão.

A língua Kaiowá é um membro do sub-ramo I da família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1984/1985). Essa família se destaca pela sua grande extensão territorial, pois suas línguas ocupam boa parte da América do Sul (Brasil, Paraguai, Argentina, Bolívia e Guiana Francesa). Além da Língua Kaiowá, fazem parte do sub-ramo I da família o Ñandéva (Txiripá), o Mbyá, o Guarani Antigo, o Xetá, o Guarani Paraguaio, o Guayakí (Aché), o Tapieté, o Chiriguano (Avá) e o Izocenõ (Chané) (RODRIGUES, 1984/1985).

O Kaiowá é umas das línguas da família Tupí-Guaraní com um maior número de falantes no Brasil, são cerca de 43.400 conforme dados do IBGE (2010). Também é falada no Paraguai, onde é conhecida pelo nome de Pãi ou Pãi-Tavyterã que, conforme o III Censo Nacional Indígena do Paraguai, em 2012, somava-se aproximadamente 15.494 indivíduos (DGEEC, 2012).

No Brasil, atualmente, as terras tradicionalmente Kaiowá estão localizadas no sul do estado de Mato Grosso do Sul. O povo está distribuído, em sua maior parte, em 6 das oito reservas demarcadas pelo SPI no período de 1915 a 1928: Terra Indígena Amambai

¹VIEGAS, Livia Ribeiro. *A produção de conhecimento sobre língua guarani entre 2000 a 2012*. Dourados: UFGD, 2014.

e T.I. Limão Verde (ambas situadas no município de Amambai); T.I. Francisco Horta Barboza, município de Dourados (aqui junto com Guarani e Terena, distribuídos em duas aldeias: Bororó e Jaguapiru); T.I. Te'yikue (junto com Guarani, município de Caarapó); T.I. Taquaperi no município de Coronel Sapucaia; T.I. Sassoró, município de Tacuru. Também se encontram nas aldeias Panambi (município de Douradina) e Panambizinho (município de Dourados) – trata-se de terras retomadas e homologadas posteriormente à promulgação da Constituição Federal de 1988 (CAVALCANTE, 2013, p. 89).

Para além dessas áreas, outros *tekoha* (lugar de viver) foram sendo constituídos por indígenas que resistiam a viver nas reservas criadas pelo SPI, atualmente são conhecidas como *tekoha Takuaraty-Yvykuarusu* (Paraguasu), município de Paranhos; *tekoha* Rancho Jacaré, municípios de Ponta Porã e Laguna Carapã; *tekoha* Pirakua, município de Bela Vista; *tekoha* Yvy Marangatu, município de Antônio João; *tekoha* Jaguapiré, município de Tacuru; *tekoha* Jaguari, município de Amambai; *tekoha* Jarara, município de Juti; *tekoha* Guasuti, município de Aral Moreira e *tekoha* Sete Cerros, município de Coronel Sapucaia (CHAMORRO, 2015, p. 208-214).

O mapa² a seguir mostra as áreas indígenas reservadas, demarcadas e identificadas até 2014.

² Mapa extraído do livro “Povos Indígenas em Mato Grosso do sul: história, cultura e transformações sociais” de Graciela Chamorro & Isabelle Combès (orgs.).

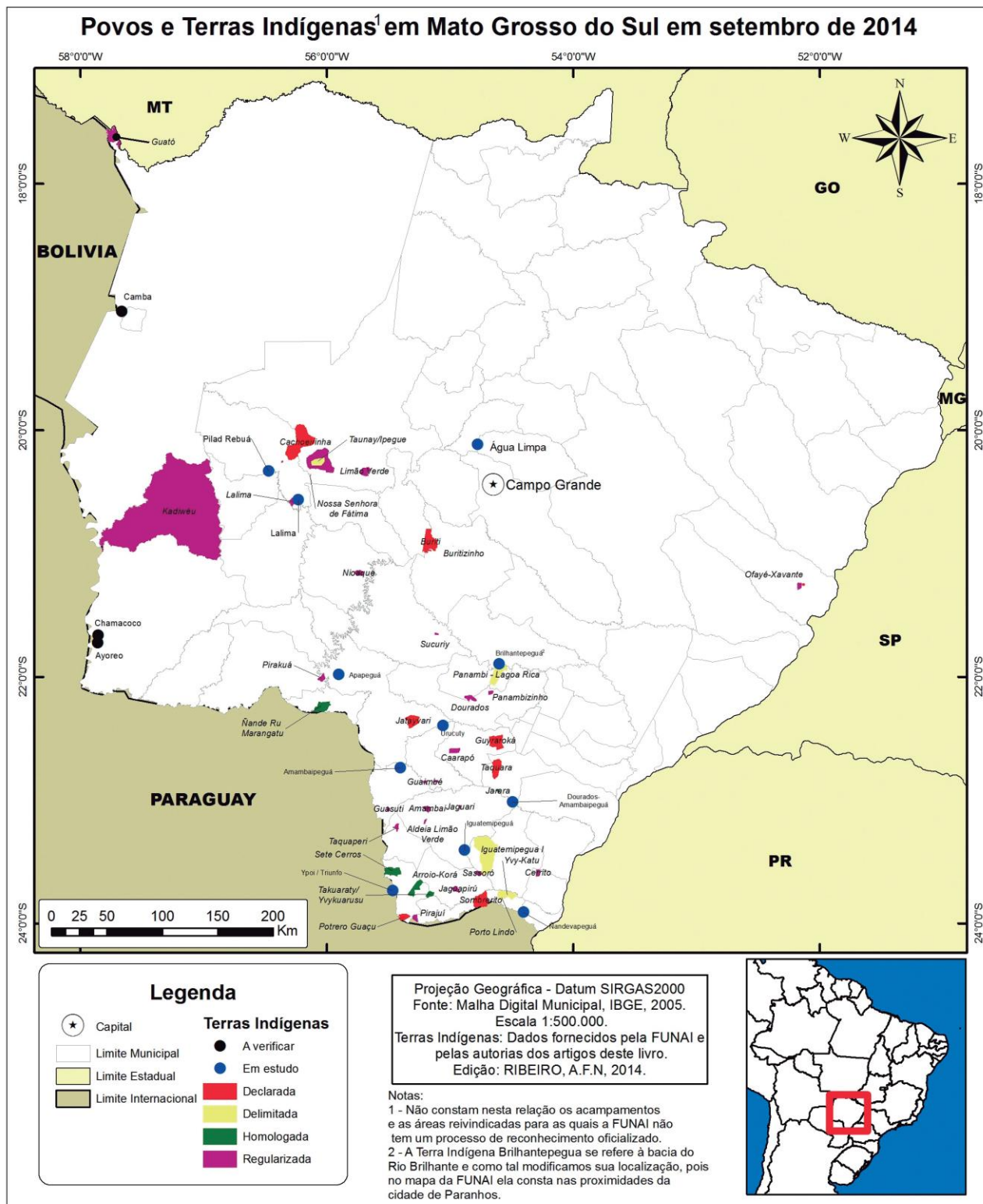


FIGURA 1: Povos e Terras Indígenas em Mato Grosso do Sul

Segundo Cavalcante (2013, p. 95), a situação fundiária atual dos Guarani e Kaiowá é a seguinte: oito reservas indígenas, nove terras regularizadas com registro cartorial, cinco terras homologadas, duas terras demarcadas, quatro terras declaradas e duas apenas identificadas e delimitadas.

No entanto, devido à superlotação das reservas e da situação complexa das aldeias mais antigas, como o estado de violência instalado nessas áreas, há um conjunto significativo de acampamentos à beira das rodovias, na periferia das cidades, das antigas reservas e terras indígenas, assim como nas proximidades de terras reivindicadas como indígenas (CHAMORRO, 2015, p. 219).

No que diz respeito aos estudos linguísticos da língua Kaiowá, destacam-se, do ponto de vista fonológico os trabalhos de Bridgeman (1960, 1961), de Harryson & Taylor (1958, 1971) e de Cardoso (2007). Com relação aos estudos morfossintáticos, destaca-se os estudos de J. Taylor (1984a, 1984b), J. Taylor & A. Taylor (2010 [1966], s/d), de Bridgeman (2001), de Cardoso (2001, 2005a, 2005b, 2006, 2007, 2008a, 2008b, 2011, 2015) e Martins (2014). Para além desses trabalhos, há um produzido por Bridgeman (2007 [1981]) que trata da estrutura de discursos doutrinários, instrucionais e conversacionais; um trabalho na área de lexicologia, realizado por Silva (2011) e um de lexicografia produzido por Barros (2014).

Com base nos trabalhos descritivos da língua Kaiowá, sobretudo dos realizados por Cardoso, fizemos uma revisão dos aspectos morfológicos e sintáticos em torno da categoria Nome em Kaiowá, tendo em vista a necessidade de ampliarmos o conhecimento acerca dessa classe gramatical como, por exemplo, o que pode ser considerado flexão e derivação nesta língua, a subclassificação dos nomes mediante a sua ocorrência ou não com prefixos relacionais, bem como o estabelecimento da função dos prefixos relacionais na formação de sintagmas nominais, o estado de existência dos referentes dos nomes e a categorização de nomes que predicam e os processos de nominalização, entre outras questões que foram consideradas pertinentes no decorrer da pesquisa. Portanto, este trabalho trata-se de uma revisão, no sentido de ampliar e aprofundar o que já havia sido realizado por Cardoso (2008) acerca dos nomes e predicados nominais dessa língua.

Para Cardoso (2008, p. 32), os nomes em Kaiowá distinguem-se de palavras de outras classes por possuírem as seguintes características:

- i) a categoria de posse alienável ou inalienável é expressa por pronomes clíticos. Sobre esse aspecto, ressaltamos em nosso trabalho que a construção de estruturas genitivas se faz por intermédio de prefixos relacionais, estabelecendo uma relação entre determinante e determinado, em que o núcleo é um nome relativo, sendo o determinante um pronome pessoal livre ou um sintagma nominal, além disso, o critério semântico de alienável ou não alienável não interfere na construção desse tipo de estrutura;
- ii) são marcados para o caso acusativo em sua estrutura morfológica. Em nosso estudo, consideramos que não há caso acusativo morfológico na língua Kaiowá. Essa língua preserva algumas marcações de caso já identificadas em outras línguas da família Tupí-Guaraní, entre eles estão o caso Locativo Pontual e o Translativo. O que Cardoso considera como caso acusativo, em nossa proposta de análise, é apenas a inserção de uma posposição no argumento interno de verbos transitivos, no entanto, não é obrigatório. Ocorre, possivelmente, por questões pragmáticas, como foi demonstrado aqui neste estudo;
- iii) distinguem a categoria de número por meio de uma partícula pluralizadora ou por palavras quantificadoras. Pela nossa proposta de análise, a noção de número plural não é morfológicamente marcada nos nomes. O que Cardoso considera como partícula pluralizadora é uma palavra que indica coletivo e seu uso é enfático em algumas situações;
- iv) a categoria de gênero não é morfológicamente marcada, mas é expressa por intermédio de itens lexicais distintos;
- v) a categoria de tempo nominal é marcada morfológicamente. Para esse aspecto, defendemos que não há categoria de tempo nominal, uma vez que essa língua, assim como diversas línguas da mesma família utilizam-se de morfemas existenciais com a finalidade de atualizar o estado do referente do nome no discurso. Quanto a esses morfemas, reafirmamos o seu caráter sufixal;
- vi) apresentam o processo de incorporação nominal. Importante ressaltar aqui que a incorporação nominal é uma característica muito produtiva na língua Kaiowá, no entanto, trata-se de uma propriedade licenciada pelo núcleo de um predicado verbal, sendo este um verbo transitivo;

vii) sintaticamente, ocupam a posição de núcleo de um sintagma nominal, ocorrendo como argumento de predicados verbais e não-verbais e também como constituinte de um sintagma posposicional; e

viii) podem, também, ocorrer como núcleo predicador. Aqui se tornou necessária uma discussão mais fundamentada acerca de nomes em função argumental e em núcleos de predicado. Nesse sentido, foi importante ampliar a descrição sobre os tipos de predicados nominais que essa língua possui.

Diante disso, a partir do que Cardoso (2008) define para a classe de Nomes, a problematização desta pesquisa aconteceu da seguinte maneira:

(i) problematizar a classificação semântica de nomes alienáveis e não alienáveis, pois essa língua não distingue morfologicamente os nomes dessa forma. Entender a relevância dessa classificação proposta por Cardoso (2008);

(ii) aprofundar a discussão sobre o papel dos prefixos relacionais na constituição de sintagmas nominais. Para isso, foi feita uma reflexão a partir de uma outra proposta de classificação dos nomes: relativos e absolutos, fundamentada em Rodrigues (1981, 1996) e Cabral (2001);

(iii) verificar em que medida pode-se manter a análise proposta por Cardoso (2008) da existência de uma marcação de caso acusativo nos nomes que funcionam como objeto direto. Ou seja, rever o status funcional de *-pe*, elemento que facultativamente segue o objeto direto de verbos transitivos;

(iv) rever a proposta de Tempos Nominais proposta por Cardoso (2008), uma vez que os morfemas que passariam a ideia de “tempo” têm como função atualizar o estado de existência dos referentes dos nomes no discurso e não simplesmente fazer referência ao passado, presente ou futuro;

(v) trazer à baila a discussão sobre gênero e número dos nomes em Kaiowá, uma vez que morfologicamente essa língua não apresenta flexão para indicar masculino/feminino, singular/plural;

(vi) apresentar como os predicados não-verbais são caracterizados tendo um nome como núcleo e como estabelecem relações de posse, identidade e locação. Em kaiowá são divididos em possessivos, equativos e locativos segundo Cardoso (2008). Ao considerarmos que os verbos intransitivos estativos/inativos na descrição de Cardoso são,

na verdade, nomes em função de predicador, ampliamos a classificação de predicados nominais, pois teremos predicados existenciais, atributivos e processuais.

Este trabalho está fundamentado em Rodrigues (1947, 1951, 1952, 1953, 1981, 1996, 2000, 2001, 2010), Solano (2009), Cabral (2001, 2007), pois são trabalhos que se destacam nos estudos descritivos de línguas Tupí e Tupí-Guaraní. Para a compreensão dos nomes e de suas propriedades estruturais e distribucionais, fundamentamos nossa proposta de descrição em Dixon (2010), Payne (1997) e Bybee (1985).

Para a análise e descrição dos nomes e predicados nominais, aproveitamos os dados já coletados por J. Taylor & A. Taylor (1966), Bridgeman (2001, s/d), Cardoso (2008) e Barros (2014). Este último contém cerca de 600 sentenças extraídas de textos coletados na década de 1960 e de 2013, utilizados pela autora para exemplificar o uso das palavras sistematizadas em sua proposta de dicionário bilíngue Kaiowá-Português.

Também foi realizada uma pesquisa de campo entre os meses de julho de 2016 a março de 2017 que se dividiu em dois momentos: primeiramente foram coletados dados na Universidade Federal da Grande Dourados, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, no período de 2016, a partir da minha participação nas aulas de Laboratório de Análise Linguística e Estudos Contrastivos com as turmas 2012 e 2013 da área de Linguagens desse curso; e na Comunidade Kaiowá da Terra indígena Panambizinho, Dourados-MS, uma das áreas consideradas tradicionalmente Kaiowá, onde podemos ampliar os dados e retirar dúvidas acerca dos nomes e predicados nominais.

A apresentação dos dados no decorrer do trabalho está organizada da seguinte maneira:

- (a) os dados e exemplos seguem numerados (1), (2), (3)...
- (b) os dados e exemplos retirados de fontes são referenciados na sentença com a indicação do autor, ano e página;
- (c) os dados não identificados são dados provenientes da pesquisa de campo já citada, eles estão identificados em notas de rodapé quando foram coletados no curso de Licenciatura Intercultural - *Teko Arandu* e na Terra Indígena Panambizinho.

Além de aspectos linguísticos, serão abordados aspectos históricos de acordo com Brand (1993, 1997), Maciel (2012), Cavalcante (2013) e Chamorro (2015), além de aspectos relacionados ao ensino de língua Kaiowá na aldeia Panambizinho. A descrição

dessa realidade se deu por meio de análise de um questionário de pesquisa direcionado a professores indígenas como parte da disciplina de Atividade Acompanhadas I do curso de Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*, nos anos de 2013 e 2015.

Com base no que propomos, a dissertação conta com 4 capítulos, além da introdução e das considerações finais. No capítulo 1, apresentamos uma breve apresentação do povo Kaiowá numa perspectiva histórica, baseando-se em Brand (1993, 1997), Maciel (2012), Cavalcante (2013) e Chamorro (2015) e a apresentação da realidade da Educação Escolar Indígena da aldeia Panambizinho, considerando o ensino de língua materna. No capítulo 2, é apresentado o estado da arte da língua Kaiowá e o andamento das pesquisas que versam sobre a língua. No capítulo 3, apresentamos parte da nossa proposta de descrição estrutural dos nomes em Kaiowá, apoiada em Rodrigues (1947, 1951, 1952, 1953, 1981, 1996, 2000, 2001, 2010), Cabral (2001), Payne (1997), Bybee (1985) e Dixon (2010). No capítulo 4, desenvolvemos, à luz dos estudos tipológicos funcionais, uma proposta de descrição e classificação dos tipos de Predicado Nominal.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS HISTÓRICOS DO POVO KAIOWÁ

Neste capítulo apresentamos os aspectos históricos do povo kaiowá e da Comunidade Kaiowá da Terra Indígena Panambizinho de Dourados/MS. Enfatizamos dados sobre o povo Kaiowá, sua história e território, além de aspectos da Educação Escolar Indígena da Aldeia Panambizinho, local em que parte da pesquisa linguística foi realizada.

Ressaltamos que os Kaiowá de Panambizinho têm se preocupado em manter sua própria língua viva, sua história, além dos rituais tradicionais, motivo que nos fez escolher esta comunidade para realizar a presente pesquisa. A população da TI Panambizinho é de 334 pessoas em 96 casas, distribuídas numa área de 1.272,80 hectares (SESAI, 2016).

Julgamos necessário apresentar alguns aspectos da Educação Escolar Indígena por acreditar que a escola é um dos locais onde a língua Kaiowá aparece em realidade de uso e ensino, e que estudos descritivos da referida língua podem, posteriormente, auxiliar professores indígenas na elaboração de materiais didáticos dentro desse contexto.

Para apresentar os aspectos históricos do povo kaiowá, foram utilizados os trabalhos de Brand (1993, 1997) e Chamorro (2015). Para evidenciar a realidade atual dos Kaiowá e contextualizar a Aldeia Panambizinho, utilizamos como aporte teórico os trabalhos de Cavalcante (2013) e Maciel (2012), respectivamente. Finalizamos este capítulo com uma breve descrição da realidade do ensino da língua Kaiowá na aldeia Panambizinho a partir de análises de trabalhos realizados por professores em formação na Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*, curso lotado na Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados – FAIND/UFGD.

1.1 Breve histórico do povo Kaiowá

“Nas comunidades Kaiowá de Panambizinho, Panambi, Sukuriy e acampamentos vizinhos, as pessoas mais velhas se autodenominam *Kaiowá ete* e *Te'yi*. Este último termo indica que a pessoa é “descendente” legítima dos fundadores do grupo. Quando alguém quer fazer referência à coletividade, à família diz *ore te'yi jusu*, que pode ser traduzida por “somos e temos vasta e boa descendência”, sendo que *ju* significa “bom, sagrado” e *su*, “grande” (CHAMORRO, 2015, p. 33).³

A partir da afirmação acima de Chamorro (2015), iniciamos um breve histórico sobre os Kaiowá e sua descendência. A mesma autora afirma que o termo ‘kaiowa’ deriva da palavra *ka'agua*, que se referiria aos povos que viviam na mata. A grafia da palavra *ka'agua* aparece em documentos históricos escrita de várias maneiras (Kayguá, Kaÿguá, Ka'yguá, Ka'ynguá, Kaiinguá, Cainguá, Caaguá, Caaingua, Canguá, Cayagua, Cagoa, Cayoa, Caygoa, Cayowa, Caingua, Caa-owa, Cayuás, Cayuáz) e tem o significado em espanhol de ‘monteses’ (CHAMORRO, 2015, p. 34).

Anterior à história do povo Kaiowá do cone sul de MS, apresentamos a história de seus antecedentes, localizados na região do Itatim, que conforme Chamorro (2005, p. 56) atualmente corresponderia “à parte do nordeste paraguaio e do centro-oeste brasileiro, do rio Ypané até o rio Miranda”.

Sobre os Itatim, Brand (1993), seguindo Gadelha (1980) informa:

Localizados ao Norte de Assunção, os Itatim conheciam ou mantinham algum contato com os colonizadores praticamente desde antes da fundação da cidade de Assunção, em 1537. “Os Guarani, cujas tribos se entendiam desde o rio Apa até o rio Miranda (Mbotetey), eram chamados indiferentemente de Itatin (GADELHA, 1980, p. 251, n. 14 apud BRAND, 1993, p. 15).

A partir de 1632 inicia-se a redução do povo Itatim pelos jesuítas. Brand (1997, p. 51) relata que os Itatim eram os índios Caagua-Monteses que viviam na região mais pobre e isolada do Paraguai, a província de Itatim. Com o aparecimento dos bandeirantes paulistas, fugiam para as matas, sendo agrupados em reduções.

³ Para maior aprofundamento sobre o povo Kaiowá, ressaltamos a importância da obra “História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos” de Graciela Chamorro (2015).

Posterior aos Itatim, os colonizadores encontraram os Caaguá, denominação genérica que incluía vários grupos distintos que também viviam nas matas e que ocupavam o mesmo território que hoje ocupam os Kaiowá e Pai-Tavyterã (BRAND, 1997).

A partir do século XVIII, os Itatim passam a ser chamados de Caaguá junto com os outros povos.

No século XVIII, o governo português cria o Forte Iguatemi com a finalidade de expandir seu território. Segundo estudos realizados e relatados por Brand (1993, 1997), o Forte Iguatemi foi construído nas margens do rio Iguatemi, uma área que já pertencia aos Kaiowá. Brand (1997) afirma que há nas documentações sobre o Forte muitas referências ao povo kaiowá.

Brand (1997, p. 56) relata que os sertanistas afirmavam que os Kaiowá possuíam um caráter pacífico com aqueles que entravam em contato com eles.

Sobre a denominação da população *Kaiowá*, Chamorro (2015, p. 43) expõe que as referências mais antigas sobre a mesma datam das primeiras décadas do século XIX, entretanto, há registros escritos sobre outras populações falantes de guarani desde o século XVI. A autora apresenta duas suposições para a designação ‘kaiowá’: primeiramente pela população que habitavam a região de matas fechadas e que não tinham entrado em contato com os agentes da colonização, ficando assim sua autodenominação despercebida aos cronistas; e a segunda que a etnia Kaiowá tenha se apropriado do termo *ka’agua* “selvagem” ou “do mato” como identidade excêntrica à sociedade colonial.

1.2 A realidade atual do povo Kaiowá

O povo Kaiowá, no Brasil, como já afirmado anteriormente, está localizado no sul do estado de Mato Grosso do Sul. Kaiowá e Guarani-Ñandéva constituem uma população de cerca de 51.801 indivíduos, conforme os Censos do IBGE, da FUNAI e da SESAI. Desse total, 38.525 vivem nas 8 reservas indígenas criadas pelo SPI, no período de 1915 a 1928; 10.646 nas 22 terras indígenas demarcadas após 1980, e 2.630 vivem em 25 acampamentos (CAVALCANTE, 2013, p. 84).

A partir do exposto, podem-se fazer breves apontamentos sobre a criação e a situação das Reservas Indígenas. Inicialmente, é importante ressaltar que os objetivos da

criação da reserva eram de liberar terras ocupadas pelos indígenas para a colonização agropastoril e de outras atividades, como a exploração da erva-mate e de submeter os indígenas ao controle do Estado. Como a criação das reservas indígenas se deu no contexto do pós-guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, o governo brasileiro se esforçou para povoar com não indígenas a região da fronteira, por isso os indígenas foram, aos poucos, obrigados por força de diversas motivações a se transferirem para os aldeamentos criados pelo governo (CAVALCANTE, 2013, p. 85).

No Brasil, atualmente, parte do povo Kaiowá está localizado no sul do estado de Mato Grosso do Sul, distribuídos em 6 das oito reservas demarcadas pelo SPI no período de 1915 a 1928. Sobre o SPI, Brand (1993, p. 65), afirma:

O SPI, fundado em 1910, iniciou suas atividades juntos aos Guarani, na região da atual Grande Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul, cinco anos depois, ou seja, em 1915, quando o monopólio da Mate Laranjeiras sofre uma primeira quebra [...]. A lei nº. 725, de 25 de setembro de 1915 abre a possibilidade da venda de áreas a terceiros, porém nunca superiores a dois lotes de 3.600 ha. cada, mesmo se dentro tivesse ervais. Dias antes os Kaiowá ganham sua primeira reserva de terras.

As reservas indígenas ocupadas por Kaiowá são: Terra Indígena Amambai, Terra Indígena Limão Verde, pertencentes ao município de Amambai; Terra Indígena Francisco Horta Barboza, pertencente ao município de Dourados; Terra Indígena Te'yikue, pertencente ao município de Caarapó; Terra Indígena Taquaperi pertencente ao município de Coronel Sapucaia e Terra Indígena Sassoró, município de Tacuru (CAVALCANTE, 2013, p. 89). Nas reservas apresentadas, também há a presença do povo guarani vivendo em companhia dos Kaiowás. Após 1980, foram retomadas terras no município de Dourados - Aldeia Panambizinho e no município de Douradina – Aldeia Panambi.

Sobre o número de acampamentos, Cavalcante (2013, pp. 109-111) apresenta a situação identificada até julho de 2012. Chamorro (2015), com base em dados levantados em campo e nas coordenações regionais da FUNAI de Dourados e Ponta Porã, informa que até outubro de 2012 havia em torno de 40 acampamentos de Kaiowá e Guarani em todo o estado.

Os Guarani-Ñandéva do sul do estado de Mato Grosso do Sul se autodenominam Guarani, e é dessa forma que são reconhecidos pelos pesquisadores e pela sociedade em geral. A língua também tem sido denominada apenas Guarani. Muitas vezes, o termo

Guarani é utilizado no sentido mais genérico, no qual é incluído também os Kaiowá. Essa generalização é muito comum na mídia local e por parte da população que desconhece ou ignora as diferenças linguísticas, culturais, históricas e territoriais entre as duas etnias. Cabe ressaltar a importância dos trabalhos descritivos da língua para evidenciar as diferenças existentes entre as duas línguas.

Ainda sobre a diferença entre Guarani e Kaiowá, Chamorro (2015, p. 92) traz a seguinte afirmação:

Para finalizar, cabe lembrar que, apesar de os dados indicarem uma diferenciação entre Kaiowá e Guarani desde o século XIX, essas categorias étnicas devem ser pensadas com certa relatividade, pois também é muito provável que já no passado havia uma interpenetração entre Kaiowá e Guarani, como ocorre ainda hoje. Ou seja, a marcação da diferença no discurso coexiste com uma forte mistura na prática, desde casamentos até os casos de a liderança religiosa guarani ser Kaiowá.

1.3 A Aldeia Panambizinho

A Terra Indígena Panambizinho está localizada no distrito de Panambi em Dourados, Mato Grosso do Sul. Sua história está relacionada com a comunidade Kaiowá de Panambi, localizada no município de Douradina-MS. Essas duas comunidades compunham um único *tekoha*, espaço onde os indígenas Kaiowá vivem com seus costumes e tradições, entretanto, com o processo de colonização houve a separação das comunidades, que hoje mantêm vínculo por parentesco ou ocasiões religiosas (MACIEL, 2012).

A história da Comunidade Kaiowá também está relacionada com a criação da CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1943), um mecanismo criado por uma política de colonização adotada pelo governo de Getúlio Vargas chamada de “Marcha para o Oeste”, onde foram criadas as CAN – Colônias Agrícolas Nacionais com o intuito de acabar com os “espaços vazios” do território brasileiro e expandir a produção agrícola nacional. Desde então, a Comunidade Kaiowá de Panambizinho vem lutando em defesa de seu território. Sobre esse aspecto, Maciel (2012) afirma que:

[...] as terras da Terra Indígena Panambizinho foram ocupadas por não-índios a partir da instalação da CAND. Na ocasião, o governo federal Getúlio Vargas não levou em consideração que se tratava de um espaço

há muito tempo ocupado pelos Kaiowá, desrespeitando a legislação em vigor, no regime ditatorial de seu governo (MACIEL, 2012, p. 41).

Ainda sobre a Colônia Agrícola de Dourados, Brand (1993, p. 56) informa o seguinte: “mas o que interessa neste estudo é o impacto da implantação desta Colônia sobre os Kaiowá, pois ela atinge diretamente parte significativa do território desse povo”. O território de famílias extensas Kaiowá foi loteado para os colonos, fazendo surgir vários impasses entre índios e colonos, forçando os índios a saírem de suas terras. Assim, foi adotado a política de reservas. Muitos indígenas de Panambizinho foram transferidos para a Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa. Retiravam-se os índios de suas terras e colocavam em reservas, criando aglomerados de populações indígenas, desrespeitando seus costumes e concentrando populações de várias etnias em um espaço delimitado, dificultando a expansão dos indígenas e facilitando para o uso de mão de obra, já que utilizavam mão de obra indígena para desmatamento e serviços agrícolas.

Sobre o valor da terra para os indígenas, Maciel (2012, p.42) enfatiza que “[...] para o índio, a terra não é um meio de acumular riquezas, mas sim é uma forma para manter uma condição específica de vida. A transformação da terra em mercadoria na sociedade capitalista é, pois, um processo nefasto que envolve conflitos e contradições”, o que também foi considerado por Brand (1993):

A implantação da Colônia em cima dos *tekoha* kaiowá marca o início de uma longa e difícil luta dos índios pela manutenção de sua terra. Negam-se a deixar estas terras, que foram vendidas pelo governo a colonos. Estes, por sua vez, buscam constantemente obter a expulsão dos índios, seja através de ações na justiça, seja através de meios mais escusos (BRAND, 1993, p. 57-58).

Muitas famílias kaiowá que ocupavam suas terras resistiram e permaneceram no local, iniciando o conflito entre indígenas e colonos que perdura até os dias atuais. Um dos Kaiowá que permaneceu nas terras mesmo após o processo de colonização foi o Pa’i Chiquito, que adquiriu dois lotes de 60 hectares. Como os colonos, os Kaiowá recebiam 30 hectares de terra, entretanto, eram pressionados a vender ou trocá-la com os colonos. Pa’i Chiquito recebeu 30 hectares e seu filho mais 30, iniciando-se assim a Aldeia Panambizinho (MACIEL, 2012).

Sobre Pa’i Chiquito, Maciel (2012) relata que:

Os Kaiowá reconhecem unanimemente a precedência de Chiquito Pedro no local da atual aldeia, onde teria se estabelecido por volta de 1920; foi o fundador da aldeia, assim como sua liderança incontestável, seja no âmbito sócio-religioso interno, seja nas relações interétnicas com os brasileiros. Falecido em 1990, Chiquito foi um Pa'i, isto é, um líder religioso de grande ascendência interna, cujo carisma contribuiu para infundir na comunidade de Panambizinho uma identidade fortemente arraigada a serem “Kaiowá puro”. Eles mantiveram na aldeia diversos traços da organização social, da visão de mundo e dos valores tradicionais da cultura. Chiquito Pedro é visto pelos Kaiowá mais velhos da Panambizinho como Pa'i-Kaiowá encontráveis em outras aldeias de Mato Grosso do Sul (MACIEL, 2012, p. 64).

E é a partir da posse dos 60 hectares de Pa'i Chiquito que se inicia o conflito pela terra na região. Cavalcante (2013) afirma que:

[...] a estabilidade da posse da terra pelos indígenas sobre os 60 ha foi, no entanto, abalada no ano de 1970 quando Mario Bargordache e sua esposa impetraram junto à 1ª Vara Civil da Justiça Estadual de Dourados uma ação de reivindicação de posse contra os indígenas Francisco Pedro (*Pa'i* Chiquito) e sua esposa Ramona Ramonita (CAVALCANTE, 2013, p. 199).

De 1970 até 1995 foram muitos embates envolvendo lideranças Kaiowá, políticos, órgãos públicos estaduais e federais, todos tentando resolver o empasse sobre o direito de posse das terras indígenas de Panambizinho (MACIEL, 2012). Em 1995, o ministro da justiça Nelson Jobim esteve em Panambizinho e assinou a Portaria Declaratória de Posse Permanente Indígena da Terra Indígena Panambizinho, Portaria que determinava que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) fizesse a demarcação administrativa da área para, posteriormente, haver a homologação presidencial (MACIEL, 2012).

A partir dessa Portaria, muitos proprietários se sentiram lesados, e iniciou-se uma nova luta entre indígenas e ruralistas, luta essa que durou desde o final de 1995 até 2004. Em 27 de outubro de 2004, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assinou o Decreto de homologação da demarcação física da Terra Indígena Panambizinho, e em 27 de novembro de 2004 os indígenas receberam as terras pelo Ministro da Justiça Marcio Thomas Bastos. Os colonos foram indenizados e transferidos para as terras do município de Juti-MS (MACIEL, 2012).

A partir dos fatos apresentados, Cavalcante (2013, p.239) conclui “[...] percebe-se que o processo de luta dos Kaiowá de Panambizinho pela sua terra foi árduo e que nele

os indígenas ocuparam o principal papel.” Sobre a luta de terra e cultura de Panambizinho, Maciel (2012) declara:

Diante do exposto, verifica-se então que a luta dessa comunidade, não se limitava a uma simples recuperação de partes de suas terras tradicionais, mas estende-se à construção ou reconstrução de novas formas de existência e, portanto, da cultura. No entanto, a luta da comunidade indígena do Panambizinho pela terra confunde-se, a bem da verdade, com a luta pela sobrevivência da Comunidade (MACIEL, 2012, p. 90).

Em relação a costumes e valores culturais do povo de Panambizinho, Cavalcante defende que a cultura kaiowá têm passado por várias transformações ao longo do tempo. Muitos aspectos culturais do passado ainda podem ser identificados atualmente. Para Cavalcante, o uso da língua indígena e a manutenção das práticas da religião kaiowá ainda são exemplos importantes observados em Panambizinho (CAVALCANTE, 2013, p. 190).

Em Panambizinho, alguns rituais foram realizados por vários anos, como o ritual *Kunumi Pepy*, uma cerimônia que marca a passagem dos indígenas do sexo masculino da infância para a vida adulta. Nesta cerimônia há uma colocação do *tembeta* nos lábios. Entretanto, por falta de rezadores que conheçam o ritual, a cerimônia não é mais realizada desde 1993 (CHAMORRO, 2015, p. 181).

Outro ritual importante, relacionado à Economia, é a festa do milho novo – *Avatikiry*. A cultura do milho é de extrema importância para os Kaiowá, e em Panambizinho o ritual continua acontecendo. É uma festa que ocorre nos primeiros meses do ano, e a bebida de milho, chicha, é servida aos indígenas. É um dos rituais mais importantes, também relacionado à religião, já que é a festa onde se reúnem várias famílias para festejar e manter a memória de uma economia de reciprocidade. Destaca-se ainda a importância da figura dos rezadores, como líderes espirituais, tanto nos rituais que ainda são mantidos, como no cotidiano dos indígenas atuais dessa região.

1.4 A realidade do ensino da língua Kaiowá na Aldeia Panambizinho

A partir de pesquisas realizadas por acadêmicos do curso *Teko Arandu*⁴, descreveremos o ensino da língua Kaiowá dentro da escola indígena e qual a importância

⁴ Os dados apresentados sobre a Escola Pa'i Chiquito Pedro e a realidade do ensino da língua Kaiowá são resultados de pesquisas realizadas por acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko*

do ensino de língua indígena para a comunidade escolar. Acreditamos que estudos descritivos de línguas indígenas, no caso a língua Kaiowá, contribuem para a formação de professores e para o ensino de língua materna nas escolas diferenciadas, bilíngues e interculturais conquistadas pela população indígena.

A escola Pa'i Chiquito Pedro está localizada na Aldeia Panambizinho e foi implantada em 2004, após deixar de ser extensão da Escola Municipal *Tengatuí Marangantu* por pedido da comunidade de Panambizinho. A escola oferece à comunidade o Ensino Fundamental completo e o Ensino Médio completo, sendo que este é uma extensão da Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas, de Vila Vargas, distrito de Dourados/MS. O diretor da escola atualmente é Kaiowá, assim como a coordenação da escola.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, a maioria dos professores é indígena que está cursando o Ensino Superior, e a língua de instrução é a língua Kaiowá. Nos anos da alfabetização (1º ao 3º), o material didático é elaborado pela própria escola. Nesta etapa, os alunos são monolíngues na língua indígena. Nas séries finais do Ensino Fundamental II há uma diminuição no número de professores indígenas. Observamos que os professores indígenas são mais atuantes no processo de alfabetização.

Acerca do ensino de língua Kaiowá em Panambizinho, percebemos que a língua de instrução oral utilizada com mais frequência no processo de ensino-aprendizagem é a língua Kaiowá nas séries iniciais, a partir do 6º ano verificamos que a língua portuguesa ganha um espaço maior, tanto para língua de instrução quanto como disciplina no currículo. No entanto, a língua de instrução escrita é a língua portuguesa desde o 3º ano do Ensino Fundamental.

Os materiais didáticos adotados para cada disciplina presentes no currículo são os mesmos adotados na escola não-indígena. Apesar dos avanços da legislação para a garantia da escola específica e diferenciada, ainda há uma carência de materiais didáticos na própria língua materna.

Para as séries iniciais, a carga horária semanal de língua Kaiowá é de 3 aulas e 1 aula de língua Portuguesa. Para as séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio são 4 aulas de Língua Portuguesa e 1 aula de Língua Kaiowá. O ensino de Língua

Portuguesa e de Língua Kaiowá acontece em todas as séries do Ensino Fundamental e Médio. Os professores responsáveis pela disciplina Língua Kaiowá passaram pelo curso Ára Vera⁵ ou estão em formação na Licenciatura Indígena - *Teko Arandu*, e o processo de avaliação da disciplina está pautado nas habilidades de leitura e escrita.

A partir das pesquisas analisadas, foi possível constatar a importância do ensino da língua Kaiowá na escola. Para os profissionais de educação, o ensino da língua Kaiowá é importante para a conservação da cultura e da própria língua indígena, e é na escola que os alunos entram em contato com a língua materna escrita. A língua indígena também está presente nos saberes indígenas que fazem parte do currículo através de brincadeiras, esportes, histórias indígenas e danças tradicionais.

Para as lideranças da comunidade de Panambizinho, a importância do ensino da língua indígena na escola também se relaciona ao fato da sobrevivência da cultura indígena. Na opinião dos mais velhos da comunidade, somente com a valorização e o ensino da língua indígena na escola haverá a valorização da cultura indígena em outros lugares além da aldeia.

É evidente a relevância que a língua Kaiowá tem para a escola, para os alunos e para os mais velhos da aldeia. Podemos perceber pelas falas dos entrevistados que existe a necessidade do aprendizado da língua indígena na escrita e na oralidade para manutenção da cultura kaiowá, e que é a escola o lugar onde essa herança deixada pelos mais velhos pode garantir que não haja o desaparecimento da língua indígena.

Verificamos que, apesar de existirem documentos legais que orientam para o ensino de língua indígena, ainda faltam mecanismos que assegurem o cumprimento dos princípios da Educação Escolar Indígena dentro da realidade da escola.

Há alguns questionamentos que necessitam uma melhor investigação visando o ensino de língua materna na escola: Quais os objetivos estabelecidos para o ensino de língua indígena em cada etapa de ensino? A carga horária estabelecida é suficiente para os objetivos propostos? Qual é o papel do professor indígena no ensino de língua materna? Assim, é preciso estudos mais aprofundados que possam investigar como é, de fato, o ensino da língua Kaiowá na escola.

Em continuidade ao nosso trabalho, segue o capítulo II, onde apresentamos a língua Kaiowá e os trabalhos de pesquisas desenvolvidos sobre a língua por professores

⁵ Curso de formação de professores indígenas nível Normal Médio.

em formação no curso de Licenciatura Intercultural - *Teko Arandu* que evidenciam a importância e a carência desses materiais para a Educação Escolar Indígena própria do Kaiowá.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS LINGUÍSTICOS ACERCA DA LÍNGUA KAIOWÁ

Neste capítulo, apresentamos a língua Kaiowá, os trabalhos descritivos já realizados sobre a mesma e os trabalhos de pesquisa acerca da língua realizados por indígenas em formação. Com esta apresentação sobre a língua Kaiowá, temos a intenção de melhor esclarecer a contribuição da presente pesquisa.

2.1 A língua Kaiowá

O Brasil possui uma enorme variedade linguística. De acordo com o Censo do IBGE (2010), há no Brasil 274 línguas indígenas sendo faladas por indígenas que residem dentro das Terras Indígenas⁶. Essas línguas são classificadas geneticamente em ‘famílias’ e ‘troncos linguísticos’. De acordo com Rodrigues (1986):

[...] algumas línguas indígenas, embora substancialmente diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem reconhecê-las mais ou menos facilmente como descendentes de uma só língua anterior [...] na medida em que se reconhecem origem comum para um conjunto de línguas, os linguistas constituem uma família linguística (RODRIGUES, 1986, p. 18).

Conforme já afirmamos, a língua Kaiowá é um membro do sub-ramo I da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984/1985). A Família Tupí-Guarani se destaca pela sua grande extensão territorial, pois suas línguas ocupam boa parte da América do Sul. O Kaiowá é umas das línguas da família Tupí-Guaraní com um maior número de falantes no Brasil. Também é falada no Paraguai, onde é conhecida pelo nome de Pãi ou Pãi-Tavyterã.

Geneticamente, o Kaiowá foi classificado por Rodrigues (1984/1985) como uma língua do tronco Tupí, membro do sub-ramo I da família Tupí-Guaraní, do qual fazem parte também o Guaraní Antigo, o Ñandéva, o Guaraní Paraguaio, o Xetá (Serra dos Dourados), o Mbyá, o Chiriguano (Ava), o Tapieté, o Isoceño (Chané) e o Guayakí (Aché).

⁶ O número de línguas indígenas no Brasil pode variar de fonte para fonte. Com base em Rodrigues (1986, 2002, 2005), há cerca de 180 línguas indígenas.

As características mais gerais identificadas por Rodrigues nas línguas que compõem o sub-ramo I da família Tupí-Guaraní e que fundamentaram a sua proposta de classificação interna com base no Proto-Tupí-Guaraní são as seguintes: perdas das consoantes finais; conservação de *tʃ ou sua mudança em ts ou s; mudança de *ts em h ou zero; mudança de *pw em kw ou k; mudança de *pj em tʃ ou ʃ (RODRIGUES, 1984/1985).

Vale observar que ora a língua Kaiowá é chamada de língua, ora de dialeto da língua Guarani. Rodrigues afirma “se as línguas de um mesmo subgrupo, ou mesmo de subgrupos distintos devem ser chamadas de “línguas” distintas ou de “dialetos” de uma mesma “língua” é uma questão muito relativa, porque relativos são os conceitos de “língua e dialeto” (RODRIGUES, 1984/1985).

Cardoso (2008, p.18) ressalta que “[...] os Kaiowá auto-denominam sua fala como sendo língua Kaiowá. Assim sendo, assumimos que a variedade falada por 20 a 25 mil Kaiowá, que vivem no Mato Grosso do Sul (Brasil), é a língua Kaiowá.”

Dessa forma, convencionamos chamar de língua Kaiowá, assim como Cardoso (2008), já que para os indígenas em geral, e em particular os Kaiowá, a língua tem importância como instrumento de luta para a garantia de seus direitos e expressa a visão de mundo, o modo de vida e a identidade cultural da comunidade Kaiowá. Além disso, há diferenças lexicais e gramaticais entre esta e o Guarani Ñandéva e o Guarani Paraguaio, no entanto, até o momento, nenhum trabalho foi feito no sentido de caracterizar e sistematizar as diferenças evidentes.

A respeito da questão ortográfica da língua Kaiowá, Barros (2014) declara que na década de 1960, os linguistas do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) dedicaram-se na descrição da língua e estabeleceram uma ortografia que foi modificada várias vezes até ser “padronizada”. Com esse sistema de escrito estabelecido, diversas obras pedagógicas e livros foram publicados, incluindo a tradução da Bíblia, trabalho finalizado em 2013.

A seguir, apresentamos dois quadros contendo as letras que compõem o alfabeto da língua Kaiowá e que foi proposta pelos linguistas da Missão Caiuá, bem como os sons que elas representam. Isso porque na apresentação dos dados da língua Kaiowá no presente estudo faremos uso desse mesmo sistema de escrita.

Quadro 1: representação gráfica e fonética das vogais da língua Kaiowá

Letras/grafemas	Representação fonética
<a>, <ã>	[a], [ã]
<e>, <ê>	[e], [ê]
<i>, <î>	[i], [î]
<o>, <ô>	[o], [ô]
<u>, <û>	[u], [û]
<y>, <ÿ>	[ɨ], [ɨ̃]

Quadro 2: representação gráfica e fonética das consoantes da língua Kaiowá

Letras/grafemas	Representação fonética
<p>	[p]
<t>	[t]
<nt>	[n ^t]
<k>	[k]
<'>	[ʔ]
<kw>	[k ^w]
<gw>	[g ^w]
<mb>	[m ^b]
<nd>	[n ^d]
<ng>	[n ^g]
<ngw>	[n ^g w]
<m>	[m]
<n>	[n]
<nh>	[ɲ]
<v>	[w] ~ [v]
<s>	[s]
<x>	[ʃ]
<h>	[h]
<r>	[r]
<j>	[dʒ]

2.2 Pesquisas Linguísticas da língua Kaiowá

Os estudos linguísticos sobre a língua Kaiowá têm sido realizados desde o final da década de 1950. Nessa época, linguistas do SIL chegaram para atuar na Missão Caiuá com o objetivo de estudar a língua por motivos religiosos e linguísticos. A partir desse trabalho realizado pelo SIL, a primeira proposta de escrita prática para o Kaiowá foi elaborada, possivelmente a partir de análises fonológicas preliminares de Bridgeman (1960, 1961), de Harrison & Taylor (1958, 1971) e de estudos gramaticais realizados pelo casal John Michael Taylor e Audrey Helen Taylor (1966). O intuito dos estudos tinha

como foco a tradução da Bíblia, trabalho que resultou, em 1986, a publicação traduzida do Novo Testamento, e em 2013 foi finalizada toda a tradução bíblica.

Outros trabalhos foram ainda realizados pelos linguistas atuantes na Missão Caiuá, como o de Bridgeman (1981), no qual se faz uma explanação sobre a estrutura de discursos orais de diversas situações discursivas (doutrinários, instrucionais e conversacionais); e os de Taylor (1984a, 1984b), o primeiro é um estudo sobre a marcação temporal na língua e o segundo sobre a interrogação.

Além dos estudos citados, também foram realizados trabalhos com fins pedagógicos com o objetivo de facilitar o aprendizado da língua Kaiowá por outros missionários que viriam a trabalhar com o povo. Podemos citar a “Gramática Pedagógica da Língua Kaiuá”, de J. Taylor e A. Taylor, s/d; e o de Bridgeman (2001) “Dicas sobre a língua Kaiowá”, além de cartilhas produzidas para a alfabetização na língua Kaiowá, utilizadas nos anos iniciais no processo de escolarização das crianças kaiowá dentro do modelo de educação bilíngue estabelecido pelo SIL no Brasil.

Posteriormente, os estudos linguísticos do Kaiowá prosseguem no meio acadêmico com a professora Valéria Faria Cardoso. Em 2001, defende sua dissertação de mestrado intitulada “Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani”, Em 2008, Cardoso defende a tese de doutorado intitulada “Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)”, na qual apresenta, em sua proposta de análise, uma descrição das classes de palavras, dos tipos de predicados e da morfossintaxe de orações independentes e dependentes. Valéria Cardoso publicou também diversos artigos sobre aspectos da língua Kaiowá (2005a, 2006, 2008, 2009, 2010a, 2010b, 2012, 2014a), além de capítulos de livros (2005b, 2010c, 2011, 2013, 2014b, 2014c, 2014d) e de um livro em 2015.

Nos anos seguintes, ao trabalho inicial de Cardoso, outras pesquisas sobre a língua Kaiowá foram realizadas. Em 2011, Camila André do Nascimento da Silva defende sua dissertação de mestrado intitulada “O uso de neologismos por empréstimo em Kaiwá: um estudo preliminar da versão do Novo Testamento Bíblico”. No ano de 2014, Eliane Berendina Loman de Barros defende a dissertação de mestrado intitulada “Dicionário Bilíngue Kaiwá-Português”, sendo a primeira proposta de dicionário bilíngue para o Kaiowá. Ainda em 2014, Martins publica um artigo sobre a presença do prefixo correferencial de terceira pessoa em Kaiowá.

No período de 1958-2015, foram catalogados 29 estudos sobre a língua kaiowá, sendo: 22 artigos (revistas e livros), 3 dissertações, 2 teses e 2 materiais didáticos.

Os trabalhos estão detalhados no quadro 3:

Quadro 3: Trabalhos realizados sobre a língua Kaiowá

Ano	Autores	Gênero
1958	Harryson & Taylor	Artigo
1960	Bridgeman	Artigo
1961	Bridgeman	Artigo
1966	Taylor & Taylor	Artigo
1971	Harryson & Taylor	Artigo
1981	Bridgeman	Tese
1984a	Taylor	Artigo
1984b	Taylor	Artigo
s/d	Taylor & Taylor	Material didático (apostila)
2001	Bridgeman	Material didático (apostila)
2001	Cardoso	Dissertação
2005a	Cardoso	Artigo
2005b	Cardoso	Artigo
2006	Cardoso	Artigo
2008	Cardoso	Tese
2009	Cardoso	Artigo
2010a	Cardoso	Artigo
2010b	Cardoso	Artigo
2010c	Cardoso	Artigo
2011	Cardoso	Artigo
2011	Silva	Dissertação
2012	Cardoso & Morales	Artigo
2013	Cardoso	Artigo
2014a	Cardoso	Artigo
2014b	Cardoso	Artigo
2014c	Cardoso	Artigo
2014d	Cardoso	Artigo
2014	Martins	Artigo
2014	Barros	Dissertação
2015	Cardoso	Livro - Gramática

Apesar de haver uma quantidade expressiva de estudos sincrônicos da língua Kaiowá, percebe-se que há diversos aspectos da língua que precisam ser melhor compreendidos e, por isso, aprofundados.

Cabe destacar aqui também o protagonismo de professores indígenas guarani e kaiowá que passaram pela Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*. Alguns Trabalhos de Conclusão de Curso versam sobre estudos linguísticos:

Quadro 4: Trabalhos de conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*

Ano	Autores	Título
2011	Edvaldo Nunes	<i>Empréstimos na fala em Guarani na Aldeia de Cerrito.</i>
2011	Maciel V. Cáceres	<i>O Empréstimo linguístico na Aldeia de Porto Lindo.</i>
2011	Delfino Borvão	<i>Neologismos da língua Guarani usados no Cone Sul de MS</i>
2011	Elizabete Fernandes	<i>Uma análise dos empréstimos do Português no Guarani-Kaiowá utilizados por estudantes do 9º ano da Escola Ñandejára Pólo – Aldeia Te'yikue.</i>
2011	Renata Castelão	<i>Uma discussão sobre o uso da ortografia por estudantes e professores da Aldeia Te'yikue.</i>
2012	Ramona Martins Garai	<i>Proposta de elaboração de material didático bilíngue a partir de receitas medicinais tradicionais.</i>
2012	Catalina Rodrigues	<i>Coleta de nomes e histórias das sementes da T.I. Te'yikue/Caarapó para produção de material didático.</i>
2015	Elizabete Benites Vilhalva e Crispim Soares	<i>Propostas Didáticas no Ensino de Português como Segunda Língua para indígenas Guarani/Kaiowá.</i>
2015	Luciana Morales Vera e Elenir Benites	<i>Proposta de produção de material de leitura: histórias contadas pelos mais velhos.</i>
2015	Edson Lopes e Janaína Pereira Montiel	<i>Verbos transitivos em Guarani: uma proposta de material didático.</i>
2015	Rodolfo Godoy e Hermínio Fernandes	<i>Possessivos e Demonstrativos em Guarani: uma proposta de material didático.</i>
2015	Sílvia Pires	<i>Retomada de Potrero Guassu e implantação de uma escola indígena nessa área: proposta de produção de material de leitura Guarani/Português.</i>
2015	Nelinho Nunes	<i>Posposições em Guarani: uma proposta de material didático.</i>
2017	Junior Joel Lopes Machado & Irene Reginaldo Gomes	<i>O substantivo na língua kaiowá – uma proposta de material didático</i>
2017	Laíde Lopes	<i>Um estudo de variação lexical e fonológica a partir da fala de velhos e jovens da reserva indígena Taquapery</i>
2017	Maria Aparecida Romero	<i>Levantamento de dados lexicais para um estudo posterior sobre a variação lexical e fonológica na língua Kaiowá falada na Reserva Indígena Sassoró</i>

2017	Felizberto Correa Vilhalva & Eldo da Silva	<i>Argumento e Predicado em Kaiowá: uma proposta de análise linguística para o ensino de verbos e nomes nas escolas indígenas guarani e kaiowá</i>
2017	Lurdes Godoi	<i>O ensino de língua guarani na escola Jeguaka Poty da aldeia de Guaimbe Pery</i>
2017	Marilene Aquino Ximendes	<i>Proposta de Material Didático Para o Ensino de Língua Materna.</i>
2017	Janete de Souza	<i>Levantamento de empréstimos e neologismos na língua Kaiowá falada na aldeia Jaguapiru da Reserva Indígena de Dourados</i>
2017	Cleberon Oliveira & Zenilton Fernandes	<i>Levantamento de empréstimos e neologismos na língua Kaiowá falada na aldeia Bororó da Reserva Indígena de Dourados</i>
2017	Fábio Conscianza	<i>Antroponímia Kaiowá: Téry tee Tekoha Panambizinho-py</i>
2017	Glória Salina	<i>Ensino de língua Guarani através de Narrativas – Proposta didática</i>
2017	Waneide Garai	<i>Ensino de língua materna por meio de narrativas e poemas: proposta didática</i>
2017	Midônio Dias Ornelo	<i>A fricativa glotal na variedade do Guarani Ñandéva da Terra Indígena de Porto Lindo – um primeiro levantamento.</i>
2017	Edgar Lopes & André Centurion	<i>Proposta de material de leitura para o ensino de Guarani Ñandéva e língua portuguesa na Terra Indígena Porto Lindo - MS</i>

É possível constatar que ainda são poucos os trabalhos produzidos que versam sobre material didático em língua indígena. Atualmente encontramos poucos materiais didáticos específicos e diferenciados nas escolas indígenas. Mesmo com as leis acerca da Educação Escolar Indígena que garantem o ensino diferenciado, não é possível garantir a produção e criação de materiais didáticos específicos e diferenciados (KNAPP, 2016). As escolas indígenas, normalmente, apropriam-se dos materiais produzidos por não-indígena para não-indígena, materiais que não são contextualizados com a realidade linguística e cultural da comunidade indígena.

Conforme Knapp (2016), ainda é preciso investir nos cursos de formação de professores indígenas para habilitar profissionais aptos a produzirem material didático diferenciado e específico com a comunidade que está envolvida no processo de educação.

O autor também defende uma discussão a respeito do currículo diferenciado para, posteriormente, discutir a questão de elaboração de materiais didáticos. Knapp (2016, p. 108) acrescenta ainda: “[...] embora não queiramos ser redundantes, consideramos importante ressaltar a ideia de que não bastam ajustes no currículo e nos materiais utilizados para garantir que uma escola indígena seja, de fato, diferenciada”.

O mesmo autor também aponta críticas sobre a produção de materiais didáticos: a pouca experiência dos professores indígenas para trabalhar com esses recursos. A maioria dos trabalhos produzidos atendem somente a demanda acadêmica e não traz aplicabilidade na escola indígena.

A discussão acerca de material didático para ensino de língua indígena tem desenvolvido pesquisas e produção de material que atendam as especificidades e as diferenças do povo indígena, assim, concordamos com o referido autor de que é necessário investir na formação dos professores kaiowá para que os mesmos sejam autores e estejam aptos para trabalhar com os recursos desenvolvidos por eles, visando principalmente o ensino de língua kaiowá.

Nosso propósito com a descrição sobre nomes e predicados nominais em Kaiowá, além de difundir os trabalhos já realizados sobre esta língua, é fundamentar a produção de possíveis materiais didáticos que auxiliem no ensino da língua materna na Educação Básica dentro do processo da Educação Escolar Indígena.

CAPÍTULO 3

A CLASSE DE NOMES EM KAIOWÁ

No presente capítulo apresentamos uma proposta de descrição dos nomes em Kaiowá no que se refere a seus aspectos morfológicos, do ponto de vista flexional e derivacional, além da composição.

Para a descrição de nomes foram utilizados os trabalhos de Rodrigues (1947, 1951, 1952, 1953, 1981, 1996, 2000, 2001, 2010), o de Cabral (2007), além do trabalho da mesma autora sobre os prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní (2001). Ainda sobre a ocorrência dos prefixos relacionais na língua Kaiowá, fundamentamos nossa análise em Martins (2014) e Martins, Cabral, Mejia e Viegas (2017, no prelo). Para fundamentar os aspectos linguísticos dos nomes, tomamos como base os trabalhos de Payne (1997) e Dixon (2010).

Destacamos que Cardoso (2008) também desenvolveu uma proposta de descrição dos nomes em Kaiowá, no entanto, como sua tese tinha objetivo de realizar uma descrição morfossintática, consideramos relevante estabelecer uma descrição mais detalhada sobre a formação dos nomes, levando em consideração morfemas flexionais e derivacionais da língua Kaiowá. Diante disso, recorreremos também a Bybbee (1985) e a Rodrigues (1981) para compreendermos a distinção entre flexão e derivação e como isso se dá em Kaiowá.

3.1 A classe gramatical dos nomes

Os nomes fazem parte de uma das categorias gramaticais principais na maioria das línguas no mundo. Payne (1997) classifica a classe de nomes, do ponto de vista semântico, em palavras que expressam mais os conceitos *time-stable*, ou seja, palavras cujos conceitos são mais estáveis ao longo do tempo. Para Payne (1997, p. 38), os nomes prototípicos são palavras que expressam altamente e obviamente os conceitos de *time-stable*.

Ainda de acordo com Payne (1997), as propriedades morfossintáticas dos nomes são divididas em propriedades distribucionais e propriedades estruturais. As propriedades de distribuição estão relacionadas com a distribuição das palavras em sintagmas, sentenças e enunciados maiores. Os nomes podem servir como núcleo de sintagma

nominal, tópico⁷ e, em outras línguas, pode ser também núcleo de predicado. Já as propriedades estruturais têm a ver com a estrutura interna do próprio nome (raízes, prefixos e sufixos) e inclui a possibilidade de ser acompanhados por determinantes, quantificadores, qualificadores, o que constituem sintagmas nominais.

Dentro da classe dos nomes, para muitas línguas, há uma subdivisão para descrever os nomes próprios e nomes comuns. Para Payne (1997, p. 39) os nomes próprios são nomes usados para endereçar e identificar pessoas particulares ou personagens ou lugares culturalmente significativos. Geralmente nomes dessa subclasse não aparecem acompanhadas de artigos, modificadores, possuidores, sentenças relativas ou outros dispositivos que tornam os substantivos mais identificáveis.

Para diferenciar a classe dos nomes da classe dos verbos, Dixon (2010) afirma que não existem critérios específicos para fazer tal distinção, entretanto, para o próprio autor, um nome tem função prototípica em um sintagma nominal, que é um argumento de um predicado e sempre inclui termos que se referem a objetos concretos, enquanto verbos, prototipicamente, funcionam apenas como núcleo de um predicado em muitas línguas (DIXON, 2010, p. 41).

Dixon (2010) acrescenta a essa distinção entre nomes e verbos variantes para a definição canônica. Para o autor, nomes, em diversas línguas do mundo, também podem ser núcleos de um predicado; verbos também podem ser núcleo de um sintagma nominal. Diante disso, ele traz quatro esquemas para poder representar os tipos de línguas, baseando-se nos comportamentos sintáticos dos nomes e verbos. Para o autor, haveria então línguas que distinguem facilmente nome de verbo, pois este ocorreria somente como núcleo de predicado e aquele como argumento; outras línguas permitiriam que nomes exercessem função argumental quanto núcleo de predicado, mas verbos somente ocorreriam como núcleo de predicado; outras línguas fariam o inverso: verbos exerceriam tanto a função de argumento quanto núcleo de predicado; haveria ainda uma quarta possibilidade: línguas admitiriam nomes e verbos ocorrendo em função argumental e também ocorrendo como núcleos de predicado. Cabe destacar que nem todos os nomes em uma dada língua podem exercer a função de núcleo de predicado, assim como nem todos os verbos podem assumir uma função argumental.

⁷ Sobre esses aspectos discutimos no capítulo 4 desta dissertação.

De acordo com Rodrigues (1996), as línguas Tupí-Guaraní se comportam como descrito no último caso: nomes podem ocupar a função argumental e serem núcleos de predicados; verbos são núcleos de predicado e também podem ocorrer, em muitas línguas, em função argumental.

Com relação à morfologia dos nomes, Dixon (2010) assume que a categoria de gênero é uma propriedade comum a essa classe, embora não seja uma característica universal. Os classificadores e número também são categorias que podem acompanhar os substantivos, mas sabemos que nem todas as línguas as apresentam por meio de processos derivacionais e flexionais, respectivamente. Outras categorias associadas aos nomes são a definitude e o caso, a primeira é uma propriedade discursiva de um sintagma nominal, indicando que uma referência única foi identificada, já o caso é uma forma de marcar na morfologia a função exercida por uma palavra numa sentença. Cabe destacar que muitas línguas codificam essas categorias por meio de morfemas que se combinam à raiz de um nome, logo, não são essas as características mais genéricas para distinguir nomes de verbos. Compreendemos que cada língua pode diferenciar essas classes de palavras por critérios bem definidos, utilizando-se da semântica, da morfologia e da sintaxe. Nesta dissertação, assumimos esses mesmos critérios.

Antes de apresentarmos a descrição morfológica dos nomes em Kaiowá, vale a pena definir e distinguir flexão de derivação, mecanismos fundamentais para a compreensão da classe de nomes nessa língua.

Segundo Bybbe (1985) a distinção de flexão de derivação não é discreta. Pode-se distinguir o processo morfológico de flexão da derivação a partir de critérios estabelecidos. Bybbe (1985) também afirma que há um contínuo entre o processo de derivação e flexão.

No processo de flexão, a partir do critério de obrigatoriedade, as informações gramaticais ocorrem por meio de prefixos e sufixos, sendo que estes não afetam uma mudança semântica significativa na construção, ou seja, não se forma novas palavras *a priori*.

Os processos derivacionais formam novas palavras a partir de prefixos e sufixos. Tais processos permitem, inclusive, a mudança de classe de palavras. Os critérios de relevância e o critério semântico estão presentes na derivação.

Em Kaiowá, para a classe de nomes, identificamos os seguintes morfemas flexionais: prefixos relacionais e sufixos casuais⁸. Como morfemas derivacionais, identificamos sufixos derivacionais endocêntricos e exocêntricos. Dedicamos também uma breve descrição do processo de composição em Kaiowá.

3.2 Nomes em Kaiowá segundo Cardoso (2008)

Para Cardoso (2008) a classe de nomes é a classe em que as palavras expressam mais o conceito *time-stable* proposto por Givón. Por exemplo: *ita* ‘pedra’, *óga* ‘casa’, *yvyra* ‘árvore’.

Para distinguir os tipos de nomes, Cardoso (2008) utiliza um critério semântico relacionado à categoria de posse que distingue os nomes que são possuídos, alienável ou inalienavelmente, dos nomes não-possuídos.

Cardoso (2008, p. 33) afirma que “tal distinção semântica pode ser evidenciada por propriedades morfossintáticas”, os nomes possuídos apresentam um argumento obrigatório expresso em sua estrutura morfológica.

Os nomes não-possuídos não apresentam tal argumento em função do possuidor, por exemplo, *y* ‘água’, *gwyra* ‘árvore’, *jasy* ‘lua’, etc.

Para a autora, a classe dos nomes não-possuídos opõe-se aos nomes possuídos, morfológicamente, por não receberem pronomes clíticos marcadores de pessoa e número e nem prefixos relacionais em sua estrutura morfológica, uma vez que não apresentam um argumento possuidor obrigatório. Os nomes não-possuídos, em geral, designam elementos da natureza, animais, plantas, nomes de pessoas, entre outros, que podem ocupar a posição nuclear de sintagma nominal genitivo (CARDOSO, 2008, p. 33-34).

Os nomes possuídos alienáveis e inalienáveis apresentam um argumento possuidor, identificados por meio de pronomes clíticos marcadores de pessoa e número e prefixos relacionais. Os nomes possuídos alienavelmente designam manufaturas, objetos de uso domésticos, armas e ferramentas, já os nomes possuídos inalienavelmente designam partes do corpo, parentesco e animais domésticos (CARDOSO, 2008, p.34).

Sobre os prefixos relacionais, Cardoso (2008, p. 36) denomina-os por “marcas morfológicas que expressam a relação entre o possuidor e o nome possuído”.

⁸ Identificamos também em Kaiowá um sufixo de negação, no entanto, trata-se de um morfema que nega predicados, de acordo com Rodrigues (1981). Por esse motivo, descrevemos a negação no capítulo 4.

Para a interpretação dos prefixos relacionais, a autora adota a interpretação assumida por Seki (2000) para a análise do Kamayurá. Assim, para Cardoso (2008) os prefixos relacionais em Kaiowá exercem duas funções: (1) de especificação do possuidor, por intermédio dos prefixos relacionais {r- ~ Ø-} e {i- ~ h-}, onde é possível especificar o tipo de pessoa que preenche o possuidor; (2) indefinidade do possuidor, por meio do prefixo relacional {t-}, em que não se pode especificar a pessoa do possuidor que, então, fica indefinido.

Em Kaiowá, segundo Cardoso (2008), os prefixos relacionais {r- ~ Ø-} e {i- ~ h} se afixam aos nomes possuídos e exercem a função de especificação do possuidor, já que especificam o tipo de pessoa que preenche a posição de argumento nominal (possuidor).

A mesma autora também apresenta para o Kaiowá o prefixo {o-} afixado ao núcleo nominal possuído, relacionado à terceira pessoa, sendo tratado pela pesquisadora como uma não-pessoa do discurso, e o prefixo relacional indefinido {t-} para um possuidor indefinido (CARDOSO, 2008, p. 38).

Neste trabalho, adotamos a interpretação dos prefixos relacionais apresentada por Rodrigues (1981) e Cabral (2001), como está tratado em maior detalhe na seção 3.3.1.

Em relação à categoria de número para a classe dos nomes, Cardoso (2008) afirma que alguns nomes em Kaiowá são caracterizados pela ocorrência da partícula pluralizadora *kwéri* para indicar plural⁹.

(1) mitã
‘criança’

(2) mitã **kwéry**
criança **PP**
‘crianças’ – Cardoso (2008, p. 42)

⁹ Os exemplos apresentados nesta seção são provenientes de Cardoso (2008), buscamos manter a proposta de segmentação realizada pela pesquisadora, mas optamos por uma escrita prática já utilizada por muitos Guarani e Kaiowá. Em seu trabalho, Cardoso (2008) opta por apresentar os dados fonética e fonologicamente. Os outros dados apresentados nesta seção e em outras partes da dissertação são provenientes de Taylor & Taylor (1966), Barros (2014) e dados coletados em trabalhos de campo realizados na aldeia Panambizinho, município de Dourados-MS e na Universidade Federal da Grande Dourados, durante alguns períodos em que muitos professores indígenas guarani e kaiowá estavam em etapas presenciais de formação na Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, na área de Linguagens desse curso.

(3) mitã kuimba'e **kwéry**
 criança macho **PP**
 'meninos' – Cardoso (2008, p. 42)

(4) mitã kuña **kwéry**
 criança fêmea **PP**
 'meninas' – Cardoso (2008, p. 42)

Sobre esse aspecto, consideramos mais plausível reconhecer que *kwéry* ~ *kwéra* funciona muito mais como um coletivo do que uma partícula pluralizadora, tendo em vista que sua ocorrência se dá também com os pronomes independentes *ore* (1pl. exclusivo), *nhande* (1pl. inclusivo) e *peẽ* (2pl). Além disso, o uso desse morfema não é obrigatório, possui um caráter mais enfático nos discursos em que ocorre:

(5) ore **kwéry** ore Ø- tuja -ma
 1pl.excl. **COL** 1pl.excl. R¹ velho **COMPL**
 'all us have got old' – Taylor & Taylor (1966, p. 6)

(6a) umi kunha o- gwahẽ kwehe
 essas mulher 3 chegar ontem
 'essas/aquelas mulheres chegaram ontem'

(6b) umi kunha **kwéry** o- gwahẽ kwehe
 essas mulher **COL** 3- chegar ontem
 'essas/aquelas mulheres chegaram ontem'

O coletivo *kuéry* ocorre com mais frequência quando não há outros elementos no enunciado que indicam mais de um.

(6c) kunha **kwéry** o- gwahẽ kwehe
 mulher **COL** 3- chegar ontem
 'essas/aquelas mulheres chegaram ontem'

Por outro lado, Cardoso (2008, p. 42) acrescenta que, além de *kwéry* ~ *kwéra*, as expressões da categoria de número em Kaiowá também podem ser expressas por numerais e palavras quantificadoras. Por exemplo: *peteĩ* 'um, uma'; *mokõi* 'dois, duas';

(h)eta ‘muito(s), muita (s), etc. Diante disso, consideramos que a língua Kaiowá não possui morfemas específicos para indicar número (singular e plural).

Quanto à categoria de gênero, conforme Cardoso (2008) e com a qual concordamos sobre esse aspecto, os nomes em Kaiowá não possuem morfemas flexionais para indicar masculino e feminino. Sobre a categoria de gênero, a autora argumenta que:

Tal associação não ocorre, uma vez que a distinção entre os gêneros feminino e masculino não é morfológicamente marcada entre os nomes. Geralmente, essa distinção é expressa por intermédio de itens lexicais diferentes, ou ainda, inferidas pelo contexto linguístico ou extralinguístico (CARDOSO, 2008, p. 42).

Cardoso (2008) afirma que, em Kaiowá, quando há necessidade de indicar se o ser a que se refere é do sexo masculino ou do sexo feminino, usam-se os nomes *kwimba’e* (homem/macho) e *kunha* (mulher/fêmea):

(7) mitã
‘criança’

(7a) mitã **kwimba’e**
criança homem/macho
‘menino’

(7b) mitã **kunha**
criança mulher/fêmea
‘menina’

Em relação à marcação de caso, Cardoso (2008) baseia-se nas análises de Seki (2010) e em Andrews (1985). Assim, ela constata que em Kaiowá “os sintagmas nominais, ao exercer funções internas nucleares de sujeito de predicados transitivos, sujeito intransitivo e sujeito intransitivo descritivo, não recebem marcação morfológica de caso, não apresentando, por exemplo, o sufixo {-a} marcador de caso nuclear” (CARDOSO, 2008, p. 45).

De acordo com Cardoso (idem), em Kaiowá, somente o sintagma nominal em função nuclear (O) é marcado por caso gramatical, por meio do sufixo {-pe}, que marca o caso acusativo¹⁰.

¹⁰ Sobre este aspecto, assumimos que não há um caso acusativo na língua Kaiowá, como demonstraremos em outros momentos nesta dissertação.

Cardoso (2008) ainda assume que em Kaiowá alguns nomes também podem receber marcas de Tempo. Para a autora, considerando análises linguísticas do Guaraní Paraguaio, os morfemas sufixais de categoria de tempo e suas respectivas propriedades são: {-**kwe** ~ -**gwe**} (passado), {-**rã**} (futuro) e {-**rãgwe**} (fut. pretérito).

Exemplos apresentados por Cardoso (2008, p. 47) com os morfemas sufixais de categoria de tempo¹¹:

(8) óga **-kwe**
casa **passado**

‘ex-casa’ – Cardoso (2008, p. 47)

(9) iména **-rã**
marido **futuro**

‘seu futuro marido’ – Cardoso (2008, p. 47)

(10) iména **-rãgwe**
marido **fut. pretérito**

‘seria seu marido’ – Cardoso (2008, p. 47)

Ainda com relação às marcações temporais nos nomes, Cardoso (2008) assume que o tempo nominal deve ser tratado como sendo uma operação derivacional. A autora afirma que esses sufixos podem ocorrer com verbos nominalizados pela forma {-ha} e pela partícula {-va’e}. Ainda sobre o processo de nominalização, Cardoso (2008) apresenta o prefixo {temi-} e afirma que este não é usado com os sufixos indicadores de tempo¹² (CARDOSO, 2008).

No que se refere à formação de nomes em Kaiowá, Cardoso (2008, p. 51) considera a derivação por meio da categoria de tempo, além de outras operações derivacionais que não alteram de classe as novas palavras formadas.

Nas operações derivacionais¹³ via afixação, onde o conceito básico expresso pela raiz nominal é alterado, Cardoso (2008) apresenta os afixos que expressam a ideia de diminutivo e de coletivo nos nomes, conforme exemplos:

¹¹ Neste trabalho, assumimos que os sufixos tratados por Cardoso como morfemas temporais sejam sufixos derivacionais utilizados para atualizar o estado de existência do referente no momento do discurso, como veremos adiante.

¹² Em nossos dados não identificamos essa restrição: t-embí-r-eko-rã (que será futura esposa de alguém).

¹³ A descrição assumida nesta dissertação sobre os processos derivacionais na língua Kaiowá encontra-se na seção 3.3 deste capítulo.

- (11) ita -’i
 pedra **DIM**
 ‘pedra pequena’ – Cardoso (2008, p. 51)
- (12) mitã -**mixĩ**
 criança **DIM**
 ‘criancinha’ – Cardoso (2008, p. 51)
- (13) pakova -**ty**
 banana **COL**
 ‘bananal’ – Cardoso (2008, p. 51)

Sobre o processo de composição, Cardoso (2008, p. 51) afirma que “ocorre combinação entre raízes e/ou radicais nominais”.

Por fim, ainda em relação à classe de nomes, Cardoso (2008) destaca dois tipos de negação que afetam os nomes em Kaiowá. Para Cardoso (2008, p. 58) “a negação do núcleo nominal é marcada pelo sufixo {-e’ỹ}, e a negação do nome em função de predicado (não-verbal) é marcada pelo morfema descontínuo¹⁴ {na- ...-i}”.

As seções seguintes deste capítulo ampliam as discussões acerca da morfologia nominal e propomos a revisão de alguns aspectos, embora compreendamos que ao descrever uma língua, comumente o que temos é uma análise provisória, passível de modificações, ajustes e alterações à medida que novas informações vão surgindo por meio da documentação e propostas de descrições alternativas. Nesse sentido, consideramos esta dissertação uma ampliação das discussões acerca da morfologia nominal da língua Kaiowá.

3.3 A classe de nomes na língua Kaiowá – uma proposta de descrição

As duas classes principais das línguas Tupí-Guaraní são as de nomes e de verbos. Para Rodrigues (1996, p. 93; 2001, p. 105), “as classes de nomes e verbos são identificáveis morfologicamente, os verbos recebem prefixos pessoais marcadores de sujeito, o que não acontece com os nomes, mesmo estes ocorrendo como núcleo de predicado”.

¹⁴ Sobre a negação em Kaiowá, fundamentamos nossa descrição em Martins & Catão (2016, 2017 no prelo), como será visto ainda neste capítulo e no capítulo 4.

A partir da classificação de Rodrigues, os nomes em Kaiowá podem ser divididos em dois tipos: absolutos e relativos.

Os nomes absolutos não recebem flexão relacional. Trata-se de nomes cujos referentes possuem existência própria, são independentes como, por exemplo, os nomes que se referem a elementos da natureza: *y* ‘água’, *yvy* ‘terra’, *yvytu* ‘vento’, *yvyra* ‘árvore’ *kwarahy* ‘sol’, *jasy* ‘lua’, *jagwa* ‘cachorro’, *mbói* ‘cobra’, *anguja* ‘rato’.

Os nomes relativos recebem flexão relacional. Trata-se de nomes cujos referentes não possuem existência própria, são formas dependentes, fazem parte de um todo, como os nomes que indicam partes do corpo, graus de parentesco, e alguns artefatos culturais construídos, usados ou apropriados por alguém: *-akã* ‘cabeça’, *-ávy* ‘cabelo’, *-kokwe* ‘roça’, *-pohã* ‘remédio’, *-esa* ‘olho’, *-ape* ‘caminho’, *-ova* ‘rosto’, *-a’y* ‘filho em relação ao pai’, etc¹⁵.

Assim, nomes em Kaiowá, são palavras absolutas e relativas utilizadas tanto quanto argumento quanto núcleo de predicado, expressando as ideias convencionais esperadas para qualquer língua.

Em relação aos nomes próprios, é importante ressaltar como são atribuídos os nomes na cultura kaiowá. Em Panambizinho, local em que parte desta pesquisa foi realizada, o ritual de nomeação é o momento em que a criança recebe o nome *héry ka’agwy* (o nome da mata, nome nativo) e a confirmação do mesmo. É um ritual importante, realizado pelos rezadores na presença dos pais, após o nascimento do sol. São os raios solares que são responsáveis por trazer a alma ‘*gwyra*’ que é a própria língua e a própria vida do bebê. A palavra *gwyra* para os Kaiowá pode significar ‘pássaro’ e ‘alma da criança’ quando este estiver relacionado à cerimônia de nomeação e à confirmação do nome (CONSCIENZA, 2017).

Os nomes tradicionais estão relacionados com elementos da natureza. Segundo Conscianza (2017):

Os nomes dos homens fazem referência ao fazer masculino, como a caça, a pesca e o trabalho; e os nomes femininos fazem referência aos afazeres femininos e à flora. Os nomes são revelados às pessoas, estas precisam reconhecer uma a outra pelo nome, os que não são batizados são desconhecidos, nem mesmo Deus os reconhecem (CONSCIENZA, 2017, p. 4).

¹⁵ Retornaremos à discussão sobre os nomes relativos ainda neste capítulo.

Os nomes masculinos, *Kuimba'e réry*, começam com *Ava* (pessoa, homem, parente). Os nomes femininos, *Kunha réry*, iniciam-se com a denominação *Kunha Poty* “mulher flor”. *Poty*, nesse caso, é um uso metafórico para reconhecer que a partir da mulher haverá uma geração, pois ela dará frutos (filhos/filhas), conforme Conscianza (2017). A seguir, apresentamos os nomes masculinos e femininos identificados pelo autor em sua comunidade.

Quadro 5: nomes masculinos em Kaiowá (CONSCIENZA, 2017)

Téry Ka'agwy	Tradução literal	Explicação dos nomes
Ava Vera Ju	Homem Brilho Amarelo	O homem que vive iluminando o mundo.
Ava Vera Rendy	Homem Brilho e Luz	O homem que brilha e vive iluminando o mundo.
Ava Rendyju	Homem Luz	O homem que vive sua própria luz e iluminando o mundo.
Ava Jegwaka'i	Homem Cocarzinho	O homem que vive com cocarzinho.
Ava Chakarendy	Homem Visão Luz	O homem que vive com a experiência.
Ava Rory	Homem alegre	O homem vive com sua própria alegria.
Ava Xiryvy Rendy	Irmão Luz	Um homem de responsabilidade da família.
Ava Poty	Homem Flor/de Vestimenta	O homem que vive com flor, representa amor e carinho.
Ke'y Mirĩ Poty Rendy	Irmãozinho Flor Luz	É um irmão de responsabilidade da família.
Kwaĩ Mirĩ Gwasu Jegwaka Rendy	Genrozinho Grande Cocar Luz	O homem que vai ser um genro de responsabilidade.
Ava Rova Ju	Homem Rosto Amarelo	Homem de responsabilidade que pode se tornar mais respeitado.
Xiryvy Resaru'i	Irmão Olho Pequeno	O Irmão que vive com sua própria sabedoria.
Ava Jechaka'i	Homem Observador	Aquele que presta atenção na natureza, nos animais e nas pessoas. Pessoa que

		tem no olhar sua fonte de conhecimento e sabedoria.
Ava Apyka Rendy'i	Homem do Banco de Luz	Este nome traz um elemento essencial na cosmologia Kaiowá – o Apyka, que é um banco não somente físico, mas espiritual também, esta pessoa tem uma responsabilidade muito grande, pois é aquele que põe as coisas em seu lugar certo através de seu brilho incessante.
Ke'y Marangatu	Irmão Verdadeiro	O Homem que vive com muita sabedoria, vive com piedade e paciente. Homem sábio.

Quadro 6: Nomes Femininos em Kaiowá (CONSCIENZA, 2017)

Nomes	Tradução Literal	Explicação dos nomes
Kunha Poty Vera	Mulher Flor Brilha	Uma mulher que representa a iluminação do mundo.
Miï Poty Vera	Menina Flor Brilha	Uma menina que representa a iluminação do mundo
Miï Rovaju'i	Menina Rosto Amarelinho	Uma menina que vive com rosto amarelo, que representa amadurecimento, menina preparada.
Miï Poty Rendy	Menina Flor Luz	Menina que viver com a flor, iluminando o caminho.
Kunha Poty	Mulher flor	A mulher que vive com sua flor, representa o carinho e amor.
Mbo'y Poty Rendy	Colar flor Luz	A mulher que vive com as flores e iluminando coisas.
Kunha Rory	Mulher Alegre	A mulher que vive com sua felicidade.
Kunha Poty Marangatu	Mulher Flor Sagrada/Mulher Sábica	A mulher que vive com muita sabedoria. Mulher Sábica. Com sua virtuosidade, as boas ações, observações

		corretas, nobre no caráter e sagrada em sua forma de vida. Estes adjetivos explicam a personalidade feminina contida no interior do nome, o qual será a sua missão no futuro desta mulher em suas lutas e conquistas, e em seu auxílio na procura de realizar o que está proposto no interior de seu nome que foi designado a ela.
Miĩ Poty Rendy	Menina Flor Luz	Menina que com a flor iluminando o caminho.
Mbo'y Xeru'i	Colar Paizinho	A mulher que representa do pai, <i>Mbo'y</i> é um colar, representa a identidade.
Kunha Poty Rendy	Mulher Flor de Luz	Mulher flor de Luz, esta mulher com a capacidade de reproduzir em suas ações e atos a clareza e transparência de suas intenções.
Kunha Poty Rendyju	Mulher Flor da Luz Amarela.	Mulher flor da Luz Amarela. A mulher que ilumina os caminhos da vida com sua luz interior, que é amarela, sendo intensa e radiante.
Mbo'y Poty Vera	Mulher Flor Brilho	Nome da caçula

Os nomes próprios tradicionais não são registrados em documentos civis, mas para os Kaiowá a cerimônia de nomeação é importante para proteger a criança de alguma doença ou males vivenciados pelos Kaiowá atribuídos pela ausência do nome. Atualmente, esta prática ainda tem sido realizada, no entanto, com seu grau espiritual de importância diminuído e, às vezes, desvalorizado pelas novas gerações.

3.3.1 Morfemas flexionais nos Nomes Relativos em Kaiowá

3.3.1.2 Prefixos relacionais

Os nomes relativos nas línguas Tupí-Guaraní são dotados de flexão e são marcados pela dependência de um determinante em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixo flexional afixado ao núcleo. O determinante de um nome é o seu possuidor. Os prefixos que estabelecem a relação de dependência também assinalam a contiguidade ou a não-contiguidade sintática do determinante e são chamados de prefixos relacionais (RODRIGUES, 1981). Nesse sentido, a construção resultante desse processo morfossintático é sintagmática, ou seja, em princípio não se constitui uma unidade lexical, mas um constituinte sintático.

O fenômeno de flexão relacional ocorre com maior frequência nas línguas Tupí-Guaraní. Conforme Rodrigues (1964) e de acordo com Cabral (2001), essa família linguística apresenta um alto índice de itens lexicais compartilhados por suas línguas, um alto número de morfemas gramaticais cognatos, tanto derivacionais quanto flexionais e pela presença nessas línguas de construções sintáticas que as distinguem das demais famílias do tronco Tupí, contudo, assim como demonstrou Rodrigues (1992, 1997, 1999), são morfemas ativos em línguas do Tronco Tupí, línguas do Tronco Macro-Jê e línguas da família linguística Karíb.

É a partir do trabalho de Rodrigues (1981) que surge uma descrição detalhada acerca dos prefixos relacionais. Cabral (2001) ressalta a importância desse trabalho:

Nessa descrição Rodrigues incluiu a definição da função de cada prefixo, a alomorfa relativa a cada um deles, o tratamento desses prefixos como membros de um mesmo paradigma flexional, e a divisão de classes morfológicas de temas em função da ocorrência destes com os alomorfes dos prefixos relacionais (CABRAL, 2001, p. 237).

Os quatro prefixos relacionais do Tupinambá apontados por Rodrigues (1981) são:

Quadro 7: Prefixos Relacionais do Tupinambá (quadro extraído de Cabral 2001, p. 237)

1	r- ∞ Ø-	“o determinante é a expressão nominal contígua (imediatamente precedente): D = C;”
2	(s- ~ jos-) ∞ t- ∞ (i- ~ jo-) ∞ Ø-	“o determinante é diferente do sujeito e distinto do falante e do ouvinte: D ≠ S;”
3	o-	“o determinante de um nome (Dn) é idêntico ao sujeito (S) (que não é o falante nem o ouvinte): Dn = S.”
4	t- ∞ m- ∞ Ø- ∞ (V > Ø)	“o determinante é ser humano indefinido: D = H.”

Em seu trabalho sobre a Estrutura do Tupinambá, Rodrigues (1981) verificou a existência de temas que não ocorrem com os prefixos relacionais, o que constitui a classe III. Assim, em Tupinambá, os temas que se combinam com os prefixos relacionais são pertencentes às Classes I e II. Seguindo essa mesma lógica de organização, também sistematizada por Martins, Cabral, Mejia e Viegas (2017, no prelo), apresentamos aqui o comportamento dos prefixos relacionais identificados e a subdivisão dos temas em classes e subclasses. Cabe destacar que esses morfemas ocorrem também com verbos e posições na língua Kaiowá, mas restringimos a nossa descrição para a classe dos nomes, objeto desta dissertação. A seguir, apresentamos a proposta de divisão das classes e subclasses do Tupinambá, conforme Rodrigues (1981) e Cabral (2001).

Quadro 8: Divisão dos temas proposta por Rodrigues (1981) (quadro extraído de Cabral, 2001, p. 237)

	Subclasses	1	2	4	Exemplos
Temas da Classe I	Ia	Ø-	i-	Ø-	akáj ‘cabeça’, áβ ‘cabelo’, kó ‘roça’, sý ‘mãe’, taté ‘desviando-se de’, sém ‘sair’, kér ‘dormir’
	Ib	Ø-	i-	m-	pó ‘mão’, pír ‘pele’, posáj ‘remédio’, poraséy ‘dançar’, pytá ‘ficar’
Temas da Classe II	IIa	r-	s-	t-	esá ‘olho’, oβá ‘rosto’, asém ‘gritar’, enoné ‘diante de’, ekó ‘estar em movimento’, e’ð ‘morrer’
	IIb	r-	t-	t-	úβ ‘pai’, a’yír ‘filho (em rel. ao pai)’, yβýr ‘irmão mais moço’, úr ‘vir’, úβ ‘estar deitado’, ár ‘tomar’
	IIc	r-	s-	Ø-	ók ‘casa’, u’úβ ‘flecha’

Rodrigues (1996), ao esclarecer a função dos prefixos relacionais, destaca que esses morfemas servem tanto para marcar a contiguidade sintática de um determinante com respeito ao elemento por ele determinado quanto as relações de dependência desenvolvidas entre os dois. Essas relações de dependência existem entre sujeito/verbo intransitivo, objeto/verbo transitivo, objeto/posição e genitivo/nome. Cabral (2001, p. 240) ressalta que, em todas essas combinações, o elemento núcleo é obrigatoriamente marcado por prefixos relacionais.

É inegável a existência de prefixos relacionais nas línguas Tupí-Guaraní, e a descrição dos relacionais do Tupinambá proposta por Rodrigues tem servido como

referência aos trabalhos descritivos posteriormente realizados acerca das línguas dessa família linguística. Tais trabalhos têm confirmado, conforme assegura Cabral (2001, p. 238), a existência de prefixos cognatos dos relacionais do Tupinambá e do Guaraní Antigo nas línguas documentadas, bem como o importante papel que esses prefixos têm nas suas respectivas gramáticas.

Cabral (2001), tomando como base os estudos de Rodrigues (1981, 1996), amplia a discussão acerca dos prefixos relacionais ao sublinhar alguns aspectos da funcionalidade da flexão relacional, explicitar os problemas que representam para a análise linguística os tratamentos dos prefixos relacionais como marcas gramaticais dissociadas umas das outras e mostrar a natureza de algumas mudanças ocorridas no sistema de relacionais original do Tupí-Guaraní, durante a trajetória particular de algumas línguas.

Sobre a funcionalidade da flexão relacional encontrada nas línguas Tupí-Guaraní, Cabral (2001) afirma que:

[...] constitui, portanto, uma estratégia para licenciar, na sintaxe, o que no léxico é relativo, ou seja, o que está fadado a ser relacionado a um determinante. Contrariamente aos elementos lexicais relativos, os elementos não-relativos (absolutos) são livres para operarem na sintaxe, porém não como elemento dependente. Nessas línguas, raízes verbais, posições e nomes possuíveis são os elementos lexicais relativos, e raízes nominais não-possuíveis e dêíticos são os elementos absolutos. Todos esses elementos têm em comum a propriedade de funcionar como argumento e como predicado, o que os distingue dos outros elementos listados no léxico, os quais são de natureza gramatical (partículas e afixos). As estruturas resultantes da flexão relacional têm em comum núcleo flexionado por um prefixo relacional, o qual exige, permite ou exclui a expressão sintática do determinante (CABRAL, 2001, p. 240).

Baseando-se, portanto, na funcionalidade dos relacionais, Cabral (2001, p. 241) chega à seguinte proposta de descrição:

I. [NOM **R**¹-NÚCLEO] – o Relacional 1 exige que o determinante se posicione imediatamente à esquerda do núcleo e forme com este uma unidade sintática.

II. (NOM) [**R**²-NÚCLEO] (NOM) – o relacional 2 permite a expressão sintática do determinante, porém fora do sintagma em que o núcleo se encontra.

III. [**R**³-NÚCLEO] – o relacional 3 indica que o determinante de um núcleo é correferente com o sujeito da oração principal, o qual pode ou não estar sintaticamente presente no contexto;

IV. [**R**⁴-NÚCLEO] – o relacional 4 especifica que o determinante de um núcleo é genérico e humano e exclui a expressão sintática desse determinante.

Para os prefixos relacionais em Kaiowá, inicialmente, apresentamos a divisão dos temas em classes, conforme Rodrigues (1981). Para os temas que combinam com prefixos relacionais, assumimos que estes estão divididos nas Classes I e II, levando em consideração a ocorrência dos alomorfes do prefixo relacional 1. À classe III, como já afirmamos, pertencem os temas que não combinam com prefixos relacionais. Consideramos ainda a subdivisão das classes I e II em subclasses, tomando como critério a ocorrência dos alomorfes dos prefixos relacionais 2 e 4.

Classe I

Temas relativos, cuja indicação de contiguidade sintática do determinante é marcada pelo alomorfe Ø- do prefixo relacional 1:

(14) xe Ø- akã
1 **R**¹ cabeça
'minha cabeça'

(15) nde Ø- sy
2 **R**¹ mãe
'tua mãe'

(16) ore Ø- py
1pl.excl. **R**¹ pé
'nosso (exclusivo) pé'

Os temas da classe I marcam a não-contiguidade sintática por meio do alomorfe i- do prefixo relacional 2.

(17) i- po
R² mão
'mão dele/dela'

(18) i- sy
R² mãe
'mãe dele/dela'

O prefixo relacional -i ocorre em temas iniciados por consoante, exemplos (17), (18); sendo *ij-* em alguns temas orais iniciados por vogal, exemplos (19), e (20); sendo realizado como *inh-* em alguns temas nasais iniciados por vogal, exemplos (21), (22) e (23); e ocorre também como *hi-* em temas iniciados por oclusiva glotal, exemplo (24).

(19) **ij-** apysa
R² ouvido
 ‘ouvido dele/dela’

(20) **ij-** aju
R² pescoço
 ‘pescoço dele/dela’

(21) **inh-** apeskũ
R² língua
 ‘língua dele/dela’

(22) **inh-** irũ
R² companheiro
 ‘companheiro dele/dela’

(23) **inh-** akã
R² cabeça
 ‘cabeça dele/dela’

(24) **hi-** ’ávy
R² cabelo
 ‘cabelo dele/dela’

Os temas dessa classe marcam o determinante do núcleo correferente com o sujeito de terceira pessoa da oração principal por meio do alomorfe *o-* do prefixo relacional 3. O sujeito da oração pode ou não estar sintaticamente presente no contexto:

(25) Sara o- japo o- kyha
 Sara 3 fazer **R³** rede
 ‘Sara fez sua própria rede’

(26a) ha'e o- juka o- memby
 esta 3 matar **R³** filho/a (na fala da mulher)
 'esta matou o próprio filho'

(27a) Fábio o- h- exa o- sy
 este 3 R² ver **R³** mãe
 'Fábio viu a própria mãe'

O R³ é realizado como *ho-* em temas iniciados pela oclusiva glotal:

(28a) Maria o- mombu **ho-** 'ávy
 Maria 3 arrancar **R³** cabelo
 'Maria arrancou o próprio cabelo'

(29a) Sara ogw- er- u **ho-** 'ója (empr.)
 Sara 3 C.COM vir **R³** panela
 'Sara trouxe sua própria panela'

Observamos que, entre os mais jovens, o relacional 3 não tem sido utilizado com frequência. Embora reconheçam e compreendam na fala dos mais velhos, a preferência de uso pelos mais jovens tem sido o uso do relacional 2:

(26b) ha'e o- juka i- memby
 esta 3 matar **R²** filho/a (na fala da mulher)
 'esta matou o próprio filho'

(27b) Fábio o- h- exa i- sy
 esta 3 R² matar **R²** filho/a (na fala da mulher)
 'Fábio viu a própria mãe'

(28b) Maria o- mombu **hi-** 'ávy
 Maria 3 arrancar **R²** cabelo
 'Maria arrancou o próprio cabelo'

(29b) Sara ogw- er- u **hi-** 'ója (empr.)
 Sara 3 C.COM vir **R²** panela
 'Sara trouxe sua própria panela'

Rodrigues (1981), estabelece uma subdivisão da Classe I para o Tupinambá em duas subclasses: Ia e Ib. O critério utilizado é a distribuição alomórfica do prefixo

relacional 4, cuja função é indicar que o determinante do núcleo é genérico e humano e exclui a expressão sintática desse determinante. Em Tupinambá havia dois alomorfes para essa função nos temas da Classe I: Ø- (Subclasse Ia) e m- (Subclasse Ib), este alomorfe ocorria com palavras relativas iniciadas com *p*. Em Kaiowá, à primeira vista, parece ter fundido essas duas subclasses, sendo Ø- o morfema dessa relação:

- (30) Ø- po
 R⁴ mão
 ‘mão de gente’

Destaca-se, contudo, que há vestígios do alomorfe *m-*. A palavra para ‘canto’ em Kaiowá ocorre como *porahéi* e como *mborahéi*, assim como a palavra para ‘remédio’ que ocorre como *pohã* e *mohã*, sendo esta última forma compreendida como “feitiço” e *pohã* como “remédio”. O que antes servia para marcar a flexão do nome genérico e humano, passou a diferenciar semanticamente os temas nominais. Tais formas são utilizadas na variedade da língua Kaiowá falada na aldeia Panambizinho, Dourados-MS e foram registradas por Conscianza et al, (2015). Diante disso, talvez seja mais interessante pensar que somente algumas palavras iniciadas com *p* mantiveram-se na subclasse Ib e outras mudaram para a subclasse Ia, como é o caso da palavra para ‘mão’ *po*. A seguir, apresentamos mais exemplos de temas da subclasse Ia:

- (31) Ø- sy
 R⁴ mãe
 ‘mãe de gente’

- (32) Ø- ’akã
 R⁴ cabeça
 ‘cabeça de gente’

- (33) Ø- ’ã -gwe
 R⁴ alma RETR
 ‘alma de gente’

Classe II

A classe II abrange os temas que marcam a contiguidade sintática dos determinantes por meio do alomorfe *r-* do prefixo relacional.

(34) *xe r- u*
 1 **R¹** pai
 ‘meu pai’

(35) *nde r- esa*
 2 **R¹** olho
 ‘teu olho’

(36) *xe r- óy*
 1 **R¹** casa
 ‘minha casa’

As marcas de não-contiguidade dos temas da classe II são *h-* e *t-*, sendo este último restrito aos nomes que designam relações de parentesco.

Subclasse IIa:

(37) **h-** esa
R² olho
 ‘olho dele/dela’

(38) **h-** óga/óy
R² casa
 ‘casa dele/dela’

(39) **h-** ova
R² rosto
 ‘rosto dele/dela’

Subclasse IIb:

(40) **t-** úvy / úva
R² pai
 ‘pai dele/dela’

(41) **t-** a'yry ~ a'yra
R² filho
 'filho (em relação ao pai) dele/dela'

(42) **t-** yv'yry
R² irmão mais moço
 'irmão mais moço dele/dela'

O relacional 3 nos temas da classe II é gw- (o- > *ow- > *w > gw / ___V). Esse morfema demonstra que o referente do nome é o sujeito da oração da sentença:

(43) o- h- exa ha o- mo- ã **gw-** endy ij- apyte -py
 3 R² ver e 3 CAUS estar **R³** saliva R² meio.da.cabeça LP
 'ele vê e coloca sua própria saliva no meio da cabeça (do menino)' – Barros (2014, p. 147)

(44) ha'e ogw- era- ha **gw-** óga
 este 3 C.COM. ir **R³** casa
 'ele levou sua própria casa' – Barros (2014, p. 151)

O relacional 4, nos temas da classe II, possui dois alomorfes: t- e Ø-. Em Tupinambá, Rodrigues identificou que alguns temas perdiam a vogal inicial quando marcavam que o determinante era genérico e humano (*apé* 'caminho' > *pé* 'caminho de gente'; *ekúj* 'cuia' > *kúj* 'cuia de gente'; *epanak* 'cesto' > *panak* 'cesto de gente', *epotí* 'defecar' > *potí* 'defecar de gente'; *epynō* 'emitir gases' > 'emitir gases de gente'). Em Kaiowá não há perda de vogal inicial para estabelecer essa relação, alguns temas recebem o alomorfe t- (t-ape 'caminho de gente'), em outros o relacional 4 é Ø-.

(45) **t-** esa
R⁴ olho
 'olho de gente'

(46) **t-** ova
R⁴ rosto
 'rosto de gente'

(47) **t-** ape
R⁴ caminho
 'caminho de gente'

- (48) Ø- hu'i
 R⁴ flecha
 'flecha de gente'

Levando em consideração a divisão de classes e subclasse proposta por Rodrigues (1981), e com base nos dados disponíveis da língua Kaiowá, verificamos que os temas da classe II se subdividem em três subclasses: IIa, IIb e IIc. Pertencem à subclasse IIa os temas em que R¹ é r-, R² é h-, R³ é gw- e R⁴ é t-; à subclasse IIb pertencem os temas que combinam com o R² t-; e à subclasse IIc os temas em que o R⁴ é Ø-. Diferentemente do Tupinambá, o Kaiowá não possui a classe IId, tendo em vista que não há nenhum tema cuja marcação do genérico e humano é feita com a elisão da vogal inicial do tema. A seguir, apresentamos os prefixos relacionais em Kaiowá (Quadro 9) e a distribuição dos temas em suas respectivas classes e subclasses (Quadro 10).

Quadro 9: Relacionais em Kaiowá

Relacionais	Função	Morfemas	Observações
R ¹	Exige que o determinante se posicione imediatamente à esquerda do núcleo e forme com este uma unidade sintática.	Ø- ~ r-	Ø- com temas da Classe I r- com temas da Classe II
R ²	Permite a expressão sintática do determinante, porém fora do sintagma.	i- ~ h- ~ t-	i- (ij- ~ inh- ~ hi-) com temas da classe I. h- e t- com temas da classe II.
R ³	Indica que o determinante de um núcleo é correferente com o sujeito da oração principal, o qual pode ou não estar sintaticamente presente no contexto.	o- ~ gw-	o- (ho-) com temas da classe I. gw- com temas da classe II.
R ⁴	Especifica que o determinante de um núcleo é genérico e humano e exclui a expressão sintática desse determinante.	t- ~ Ø- ~ m-	t- com temas das subclasses IIa e IIb; Ø- com temas da classe Ia e com temas da subclasse IIc; m- com temas da classe Ib.

Conforme Cabral (2001, p. 234), a presença de quatro relacionais em línguas de todos os ramos da família é também indicativa de que os sistemas de relacionais com apenas dois ou três prefixos, presentes em algumas línguas, devem ser resultantes da

redução de um sistema original mais complexo, ocorrida durante o desenvolvimento histórico dessas línguas particulares, como é o caso do Guarani-Ñandéva e do Guarani Paraguaio. Contudo, conforme pode ser visualizado no quadro 10, o Kaiowá preserva a funcionalidade dos quatro prefixos relacionais.

Quadro 10: Distribuição dos Temas do Kaiowá em Classes e Subclasses

Classes	Subclasses	R ¹	R ²	R ³	R ⁴	Exemplos
Classe I	Ia	∅-	i- ~ ij- ~ inh- ~ hi-	o- ~ ho-	∅-	-akã ‘cabeça’, -’ávy ‘cabelo’, -kokwe ‘roça’, -sy ‘mãe’, -po ‘mão’, -pire ‘pele’, -hu’y ‘flecha’.
	Ib	∅-	i-	o-	m- ~ mb-	-pohã ‘remédio’ e -porahéi ‘cantar’.
Classe II	IIa	r-	h-	gw-	t-	-esa ‘olho’, -ova ‘rosto’, -ape ‘caminho’, -eko ‘estar em movimento’.
	IIb	r-	t-	gw-	t-	-úvy, -u ‘pai’, -a’y ‘filho (em rel. ao pai)’, -ajy ‘filha’ (em relação ao pai), -yvýry ‘irmão mais moço’, -enonde ‘diante de’, -amói ‘avô’
	IIc	r-	h-	gw-	∅-	óga/óy ‘casa’.

Em suma, na língua Kaiowá identificamos as seguintes mudanças e variações:

(i) a mudança de temas da classe Ib para Ia (-*po* ‘mão’, -*pire* ‘pele’, -*pyta* ‘ficar’), pois tais temas não marcam com *m-* o prefixo relacional genérico e humano, esperado para temas iniciados por [p];

(ii) a eliminação da subclasse IId, pois não há temas em que a indicação do genérico e humano seja feita por meio da elisão da vogal inicial, o que resulta na mudança de classe do tema -*ape* ‘caminho’ de IId para IIa;

(iii) a mudança de classe do tema *-hu'i* ‘flecha’ (de IIc para I), uma vez que o h passou a ser interpretado como parte da raiz; e de *-enonde* ‘diante.de’ (de IIa para IIb)

(iv) variação de classe do tema ‘pai’ *-úvy ~ -úva*. O relacional 2, às vezes, é *i-* (*i-túvy* ‘pai dele’, Classe I), às vezes é *t-* (*t-úvy* ‘pai dele’, Subclasse IIb). Os mais jovens têm preferido *i-túva*, o que demonstra uma variação, o que tem ocorrido também para outros nomes de parentesco: *t-ajýry*, *i-tajýra* (filha dele), *t-a'yry*, *i-ta'yra* (filho dele).

Como vimos, os prefixos relacionais marcam a relação de dependência sintática entre determinante e determinado, além de indicar contiguidade e não contiguidade sintática do determinante em relação ao núcleo que determina.

Nas estruturas possessivas, o relacional 1 indica que o determinante precede imediatamente o núcleo, constituindo com ele um único sintagma. Destacamos que a função de possuidor é exercida por um pronome independente¹⁶ de primeira ou segunda pessoa ou por um nome¹⁷. Seguem exemplos¹⁸ com *-sy* ‘mãe’, Classe I; *-esa* ‘olho’, Subclasse IIa; *-ãi* ‘dente’, Subclasse IIb; e *-óga* ‘casa’, Subclasse IIc:

(49) nde Ø- sy
2 R¹ mãe
‘tua mãe’

(50) ore Ø- sy
1pl.excl R¹ mãe
‘nossa mãe’

¹⁶ Os pronomes independentes são: *xe* ‘primeira pessoa do singular’; *nde ~ ne* ‘segunda pessoa do singular’; *ore* ‘primeira pessoa do plural exclusiva’; *nhande ~ nhane* ‘primeira pessoa do plural inclusiva’; *peẽ* e *pende* ‘segunda pessoa do plural’. Aquele, no entanto, ocorre apenas como sujeito enfático, enquanto este ocorre como possuidor, como objeto de posposição, como objeto de transitivos e como sujeito de verbos descritivos, assim como os demais pronomes desse paradigma. Destaca-se que em Kaiowá, como na maioria das línguas Tupí-Guaraní, não há um pronome independente de terceira pessoa, tão pouco um prefixo possessivo de posse, quer seja de primeira, de segunda ou de terceira pessoa, conforme Cabral (2001).

¹⁷ Cardoso (2008) considerou a existência de uma série de pronomes pessoais, no qual inclui uma terceira pessoa (*ha'e*), além de uma série de pronomes clíticos (com a mesma forma) prefixados a verbos intransitivos inativos. Contudo, neste trabalho, seguimos a proposta estabelecida por Martins & Mejia (2016), a qual assume a existência de uma única série de pronomes pessoais, que são independentes e exclui *ha'e* do paradigma pronominal, justificando que sua função é meramente dêitica e que se comporta como um demonstrativo na língua Kaiowá.

¹⁸ Dados coletados durante as aulas de Estudos Contrastivos II do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu* nos dias 21, 22 e 23 de julho de 2016.

- (51) nhande Ø- sy
1pl.incl. **R**¹ mãe
'nossa mãe'
- (52) Fábio Ø- sy
Fábio **R**¹ mãe
'mãe do Fábio'
- (53) xe r- esa
1 **R**¹ olho
'meu olho'
- (54) ore r- esa
1pl.excl. **R**¹ olho
'nosso olho'
- (55) nhande r- esa
1pl.incl. **R**¹ olho
'nosso olho'
- (56) pende r- esa
2pl **R**¹ olho
'olho de vocês'
- (57) xe r- ãi
1 **R**¹ dente
'meu dente'
- (58) nde r- ãi
2 **R**¹ dente
'teu dente'
- (59) ore r- ãi
1pl.excl. **R**¹ dente
'nosso (exclusivo) dente'
- (60) nhande r- ãi
1pl.incl. **R**¹ dente
'nosso (inclusivo) dente'
- (61) pene r- ãi
2pl. **R**¹ dente
'dente de vocês'

(62) Fábio r- ãi
 Fábio R¹ dente
 ‘dente do Fábio’

(63) xe r- óga
 1 R¹ casa
 ‘minha casa’

(64) nde r- óga
 2 R¹ casa
 ‘tua casa’

(65) ore r- óga
 1pl.excl. R¹ casa
 ‘nossa casa’

(66) nhande r- óga
 1pl.incl R¹ casa
 ‘nossa casa’

(67) pende r- óga
 2pl. R¹ casa
 ‘casa de vocês’

(68) Fábio r- óga
 Fábio R¹ casa
 ‘casa de Fábio’

O relacional 2 indica que o possuidor não está contíguo ao núcleo possuído. Embora muitas vezes o possuidor ocorra imediatamente precedido ao nome, não forma com este um sintagma. Seguem exemplos com temas da Classe Ia e com temas das Subclasses IIa, IIb e IIc:

Classe Ia:

(69) hi- 'akã
 R² cabeça
 ‘cabeça dele/dela’

- (70) ha'e i- kokwe
 este R² roça
 'roça dele/dela'

Classe II

Subclasse IIa

- (71) h- esa
 R² olho
 'olho dele/dela'

- (72) h- ova
 R² rosto
 'rosto dele/dela'

- (73) h- ape
 R² caminho
 'caminho dele/dela'

Subclasse IIb

- (74) t- úvy ~ úva
 R² pai
 'pai dele/dela'

- (75) t- a'ýry ~ a'ýra
 R² filho (em relação ao pai)
 'filho dele'

- (76) t- yvýry
 R² irmão mais moço
 'irmão mais moço dele'

Subclasse IIc

- (77) h- óga
 R² casa
 'casa dele'

- (78) **h-** ója
R² panela
 ‘panela dele’

O relacional 3 indica que o possuidor é o sujeito da oração. A seguir, apresentamos exemplos com temas das Classe I e II:

Classe I:

- (79) **o-** membýry ndive **o-** ho ho- ’u kagwĩ
R³ filho ASSOC 3 ir 3 ingerir chicha
 ‘she went with her child to drink chicha (corn liquor)’ – Taylor & Taylor (1966, p. 13)

- (80) **o-** gwahẽ **o-** sy Ø- -pe
 3 chegar **R³** mãe **R¹** DAT
 ‘he arrived to/for his mother’ – Taylor & Taylor (1966, p. 13)

- (81) **o-** nhonha **o-** ape Ø- gwy -py **o-** akã i- xu gwi
 3 colocar **R³** casco **R¹** ABL LP **R³** cabeça **R²** DIR ABL
 ‘he put his head under his shell away from him’ – Taylor & Taylor (1966, p. 10)

- (82) **o-** i- pete **h-** ovajáry ava ete **o-** poxíto Ø- py
 3 **R²** bater **R²** cunhado homem GEN **R³** túnica **R¹** INSTR
 ‘avaete swiped at his brother-in-law with his tunic’ – Taylor & Taylor (1966, p. 10)

- (83) **h-** asẽ -mba rei **ho-** ‘aypa ramo
R² chorar todos de balde **R³** ter.fome SUBJ
 ‘they howl in vain when they are hungry’ – Taylor & Taylor (1966, p. 24)

Classe II:

- (84) **o-** Ø- (<i-) japo **gw-** eindryy rã tanimbu Ø- gwi
 3 **R²** fazer **R³** irmã PROSP cinza **R¹** ABL
 ‘ele fez sua irmã das cinzas finas’ – Barros (2014, p. 214)

- (85) t- úvy o- Ø- mbo- tyryry
 R⁴ pai 3 R² CAUS acompanhar João
 -uka gw- a'yry pe jagwa
 -C.PREP R³ filho DAT cão
 'father made his son drag the dog' – Taylor & Taylor (1966, p. 12)

- (86) Fábio o- h- ekýi pa gw- ãi
 Fábio 3 R² puxar todos R³ dente
 'Fábio extraiu todos os próprios dentes'

O relacional 4 indica que o possuidor não está presente no sintagma e é genérico.

- (87) oro- kanhy oro- gwahẽ Ø- óga -py
 1pl.excl. esconder 1pl.excl. chegar R⁴ casa LP
 'nós fugimos e chegamos na casa' – Barros (2014, 151)

- (88) o- me'ẽ -va'e -kwe xe -vy João
 3 dar NOM PROSP 1 DAT.PRON João
 'João tinha me dado antes...
 mixĩ -mi Ø- pohã -va'e -kwe
 pouco ATEN R⁴ remédio NOM RETR
 um pouquinho de remédio' – Barros (2014, p. 185)

- (89) o- i- kwaa ava t- ape o- Ø- (< i-) japo -ha -gwe
 3 R² saber índio R⁴ caminho 3 R² fazer NOM RETR
 'o índio sabia o caminho que tinha feito' – Barros (2014, 155)

- (90) t- embi 'u pyhare ve ka'aru -kwe
 R⁴ N.OBJ ingerir manhã mais tarde RETR
 'a comida de manhã cedo e do fim da tarde' – Barros (2014, p. 216)

3.3.1.3 Sufixos casuais

Com base no trabalho de Rodrigues (1996), os nomes em Tupinambá apresentam duas propriedades flexionais: flexão relacional e flexão casual.

A flexão de caso em Tupinambá compreende cinco casos: Argumentativo (sinônimos: nominal, nominativo) com o sufixo -a ~ -Ø, Translativo (sinônimo: predicativo) com o sufixo -amo ~ -ramo, Locativo Pontual com o sufixo -ipe ~ -pe,

Locativo Difuso com o sufixo -oβo ~ -βo, ‘locativo situacional’ (sinônimo: locativo partitivo) com o sufixo -i ~ -j ~ -∅ (RODRIGUES, 1996, p. 107-108).

Quadro 11: Flexão casual em temas nominais em Tupinambá segundo Rodrigues (1996)

Argumentativo	ajúr- a ‘pescoço’	ku’á-∅ ‘cintura’	ji’ã-∅ ‘coração’
Translativo	ajúr- amo ‘no lugar do pescoço’	ku’á ramo ‘no lugar da cintura’	ji’ã ramo ‘no lugar do coração’
Locativo Pontual	ajúr- ipe ‘no pescoço’	ku’á pe ‘na cintura’	ji’ã e ‘no coração’
Locativo Difuso	ajúri- βo ‘pelo pescoço’	ku’á βon ‘pela cintura’	ji’ã βo ‘pelo coração’
Locativo Situacional	ajúr- i ‘numa parte específica do pescoço’	ku’á j ‘numa parte específica da cintura’	ji’ã j ‘numa parte específico do coração’

Rodrigues (1996) explica cada caso para o Tupinambá como segue:

O **Caso Translativo** serve para complementos nominais que expressam uma mudança de estado físico ou social; o **Caso Locativo Pontual e Locativo Difuso** indicam locação tanto no espaço como no tempo e diferem em que o primeiro indica um lugar ou momento delimitado ao passo que o segundo indica um lugar ou tempo não delimitado (RODRIGUES, 2001, p. 108):

(91) isé t- úβ -amo a- ikó ne
eu R² pai **TRANSL** 1 estar int
‘eu estarei como pai dele’ Rodrigues (1996, p. 96)

(92) a- só ∅- ók -ipe
1 ir R⁴ casa **LP**
‘vou para casa’ – Rodrigues (1996, p. 96)

(93) a- só ∅- ók -iβo
1 ir R⁴ casa **LD**
‘vou pelas casas’ – Rodrigues (1996, p. 96).

O **Caso Locativo Situacional** indica a situação ou posicionamento de uma coisa ou pessoa em relação a uma parte de outra:

(94) sjé ∅- pitá túr -i
eu R¹ calcanhar atrás **LS**
‘no meu calcanhar (pitá) veio (isto é, atrás de mim)’ – Rodrigues (1996, p. 96)

Em Kaiowá, até o presente, identificamos apenas o caso translativo e o caso locativo pontual.

Compreendemos que o morfema que marcava o Caso Argumentativo *a-* passou a fazer parte de algumas raízes quando deixou de exercer a função de indicar que a palavra encontra-se funcionando como argumento, mas vestígios desse morfema podem ser identificados em palavras cuja consoante final não elidiu: *tér-y* ~ *tér-a* ‘nome’; *óg-a* ‘casa’; *membýr-y* ‘filhos em relação à mulher’; *túv-y*, *t-ajýr-y* ‘filha’, *t-a’ýr-y* ‘filho’, *mén-a* ‘marido’.

Com respeito ao morfema que indica o Caso Locativo Difuso, verificamos que a posposição *rupi* tem exercido essa função: *nhũ rupi* ‘pelo campo’.

No que diz respeito ao Caso Locativo Situacional, embora em alguns contextos tende a ser útil, os dados disponíveis têm indicado que se trata de um morfema zero ou de simplesmente não ocorrer: *apyka ári* ‘em cima do banco’

É possível que, devido à queda das consoantes finais, como essa língua evita ditongos, tanto o marcador de Caso Argumentativo *-a* quanto o do Caso Locativo Situacional *-i* podem ter perdido seu *status* de morfemas, deixando vestígios nas palavras em que a consoante final não caiu.

Identificamos, portanto, em Kaiowá, até o presente momento, dois casos: o Translativo *-ramo* ~ *-rami* e o Locativo Pontual *-pe/-py* ~ *-me/-my*:

Caso translativo:

- (95) Pa’ikwara apyka -kwe jakare **-ramo** o- mondo
 sol banco RETR jacaré **TRANSL** 3 transformar
 ‘O sol transformou o banco velho em jacaré’ – Barros (2014, p. 147).

- (96) o- mo- ã Ø- hu’y h- ape asa **-ramo**
 3 CAUS estar.sentado R⁴ flecha R² caminho passar **TRANSL**
 ‘ele colocou uma flecha como ponte no caminho’ – Barros (2014, p. 161)

- (97) kwimba’e **-rami** voi o- iko.
 homem **TRANSL** ENF 3 viver
 ‘ela vivia **como** (se fosse) um homem’ – Barros (2014, p. 206)

- (98) Kaiwa nhepyrũ o- -gwejy araka'e ko
 Kaiowá início 3 descer passado.remoto esta
 'os primeiros kaiowá desceram no passado para...
 terra R¹ ehe gwyrá **-rami**
 -C.PREP **R³** REL pássaro **TRANSL**
 '...esta terra como pássaros' – Barros (2014, p. 206)

Caso Locativo Pontual:

- (99) ha'e kwéry ho- 'a pe anháy monde **-pe**
 este COL 3 cair esse demônio armadilha **LP**
 'Eles caíram naquele mundéu do diabo.' – Barros (2014, p. 146).
- (100) ha'e peteĩ áry **-py** ha'e h- asy ij- ahy'o r- asy
 este um dia **LP** este R² dor R² garganta R¹ dor
 'um dia ela ficou doente, com dor de **garganta**' – Barros (2014, p. 145)
- (101) Maria o- pyta Ø- óga -pe
 Maria 3 ficar R⁴ casa **LP**
 'Maria ficou em casa'
- (102) Maria o- -ime Ø- kokwe **-pe**
 Maria 3 estar.em.pé R⁴ roça **LP**
 'Maria está na roça'

Sobre a existência de um Caso Acusativo em Kaiowá, como foi proposto por Cardoso (2008), assumimos que não se trata de um morfema casual, mas de uma posposição que funciona, pragmaticamente, para enfatizar o argumento interno de um verbo, tendo em vista que sua presença não é obrigatória para indicar o objeto direto de uma sentença. Compreendemos o seu uso no sintagma como semelhante a um objeto direto posposicionado:

- (103a) Fábio o- Ø- juka -ma jagwarete Ø- pe
 Fábio 3 R² matar COMPL onça R¹ **POSP**
 'Fábio já matou onça'

(103b) Fábïo o- Ø- juka -ma jagwarete
 Fábïo 3 R² matar COMPL onça
 ‘Fábïo já matou onça’.

3.4 Sobre os morfemas derivacionais nos nomes em Kaiowá – uma proposta de descrição

O processo de derivação implica presença de morfemas que podem afetar a constituição interna da palavra. Existem dois tipos de morfema derivacional: aqueles que mudam a categoria sintática da palavra e aqueles que não mudam. Segundo Bybbe (1985) as grandes mudanças de sentido são características dos processos de derivação que não mudam as palavras de classe gramatical.

Considerando o processo de formação de nomes adotados por Rodrigues (1981), para o processo de derivação em Tupinambá, descrevemos os processos de derivação em Kaiowá.

Rodrigues (1981) apresenta os sufixos derivativos endocêntricos e exocêntricos. Os sufixos endocêntricos são aqueles que produzem temas da mesma classe da respectiva base e são classificados em: Intensivo, Atenuativo, Privativo e Nome de Procedência. Os sufixos exocêntricos produzem temas de classe diferentes da base distinta e se dividem em nominalizadores de temas verbais e nominalizadores de predicados. Os sufixos nominalizadores de temas verbais são classificados como Nominalizador de Objeto, Agentivo, Instrumentivo/Circunstancial, Agente Habitual, Paciente e Propendente. Os nominalizadores de predicados são classificados como nominalizador de predicado e nominalizador de complemento circunstancial (RODRIGUES, 1981, p. 14-15).

A partir do trabalho de Rodrigues (1981), ampliamos o conhecimento do processo de derivação da língua Kaiowá.

O Kaiowá mantém como morfemas derivacionais endocêntricos o Intensivo (-*gwasu*), o atenuativo (-*'i/-'ĩ*), o Privativo (-*e'ÿ*) e o Nome de Procedência (-*ygwa*).

Como morfemas derivacionais exocêntricos, o Kaiowá mantém o Nominalizador de Objeto (*emi-/embi-*), o Agentivo, o Instrumentivo/Circunstancial, o Agente Habitual, o Paciente, o Nominalizador de Predicados e o Nominalizador de Complementos Circunstanciais. Nos quadros a seguir apresentamos os morfemas identificados e seus respectivos alomorfes.

Quadro 12: Afixos endocêntricos em Tupinambá e em Kaiowá

Afixos endocêntricos	Tupinambá	Kaiowá
Intensivo	-wasú~ -usú	-gwasu ~ -ngusu ~ -gusu ~ -rusu
Atenuativo	-ʔĩ, -ʔí	-ʔĩ ~ -ʔí
Privativo	-eʔim	-eʔỹ ~ -reʔỹ ~ -ʔỹ
Nome de procedência	-iwár, -iwán	-ygwa

Quadro 13: Afixos exocêntricos nominalizadores de temas verbais em Tupinambá e em Kaiowá

Afixos exocêntricos Nominalizadores de temas verbais	Tupinambá	Kaiowá
Nominalizador de Objeto	emi-	emi- ~ embi-
Agentivo	-ár	-ha, -háry
Instrumentivo	-áβ	-ha
Agente habitual	-βór	-vo
Paciente	-pír	-py
propedente	-swér	???

Quadro 14: Nominalizadores de frases em Tupinambá e em Kaiowá

Nominalizadores de frases	Tupinambá	Kaiowá
Nominalizador de Predicado	-βaʔé	-va'e ~ -va
Nominalizador de Complementos Circunstanciais	-nwár; swár	-gwa

A seguir, apresentamos os dados¹⁹ onde ocorrem os afixos endocêntricos e exocêntricos em Kaiowá.

O afixo Nominalizador de Objeto ocorre em Kaiowá como *emi-* ~ *embi-*, sempre acompanhando um verbo, nominalizando-o:

(104) t- **embi-** ʔu
R⁴ **N.OBJ** ingerir
'comida'

(105) h- **embi-** re- -ko
R⁴ **N.OBJ** C.COM. viver
'esposa'

¹⁹ Dados provenientes dos estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, turma de Linguagens 2012 durante a disciplina de Estudos Contrastivos II realizada nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2016.

(106) h- **embi-** jogua
 R⁴ **N.OBJ** comprar
 ‘compra’

(107) t -**embi** guái
 R⁴ **N.OBJ** comprar
 ‘compra’

(108) h -**emi** mbo’e
 R² **N.OBJ** ensinar
 ‘aluno’

O sufixo intensivo ocorre em Kaiowá como *-gwasu* ~ *-ngusu* ~ *-gusu* ~ *-rusu* com a finalidade de expandir o significado semântico do nome no qual ele está relacionado:

(109) r- ye **-gwasu**
 R¹ barriga **INTENS**
 ‘grávida’

(110) o- karu **-gwasu**
 3p. comer **INTENS**
 ‘comilão’

(111) py’a **-gwasu**
 estômago **INTENS**
 ‘corajoso’

(112) aty **-gwasu**
 reunião **INTENS**
 ‘grande reunião’ – BARROS (2014, p. 149).

(113) mbopi **-rusu**
 morcego **INTENS**
 ‘morcego grande’ – BARROS (2014, p. 168).

- (114) ka'agwy **-rusu**
 mata **INTENS**
 'mata grande' – BARROS (2014, p. 209).

O sufixo Atenuativo auxilia no processo de formação de novas palavras, considerando aspectos físicos, afetivos e pejorativos:

- (115) mitã **-i**
 criança **ATEN**
 'bebê' – Barros (2014, p. 163)

- (116) jagua **-i**
 cachorro **ATEN**
 'cachorrinho'

O sufixo privativo *-e'ỹ ~ -re'ỹ ~ -'ỹ* produz nomes que indicam privação ou ausência de²⁰:

- (117) nhe'ẽ **'y** -va
 falar **PRIV** NOM
 'mudo'

- (118) vy'a **-re'ỹ**
 alegria **PRIV**
 'tristeza'

- (119) i- tĩ **-e'ỹ**
 R² nariz **PRIV**
 'sem nariz', 'sem vergonha (sentido figurado)'

- (120) h- -echa **-'ỹ ~ -e'ỹ** -va
 R² olho **PRIV** NOM
 'cego'

²⁰ Cardoso (2008) considera esse morfema como sendo um sufixo de negação. Martins e Catão (2016) demonstram que a viabilidade de considerá-lo como negação é indicar um processo meramente flexional, ou seja, sua presença não forma novas palavras. No entanto, os dados demonstram que se trata de um morfema derivacional que, na tradição das descrições de línguas Tupí-Guaraní, tem recebido o nome de Privativo (cf. Solano, 2009); Rodrigues (1981).

O sufixo *-ygwa* produz nomes de procedência:

(121) óga **-ygwa**
 casa **PROC**
 ‘os de casa, família’

(122) Tacuru **-ygwa**
 Tacuru **PROC**
 ‘os que são de Tacuru’

(123) ka’a **-ygwa**
 mata **PROC**
 ‘os que são da mata’

O sufixo Agentivo *-há ~ -háry* estabelece nomes de agentes, o que faz com que ele seja considerado um nominalizador:

(124) hai **-háry**
 escrever **AGENT**
 ‘escritor’

(125) mbo’e **-háry**
 ensinar **AGENT**
 ‘professor’

(126) arandu **-háry**
 saber **AGENT**
 ‘sábio’

(127) mandua **-ha**
 lembrar **AGENT**
 ‘o que lembra/lembrador’

O sufixo Instrumentivo/Circuntancial *-ha* forma nomes de instrumentos ou nomes de lugares²¹:

- (128) hai **-ha**
 escrever **INST**
 ‘lápiz’
- (129) mbojoja **-ha**
 medir **INST**
 ‘régua’
- (130) je²²- -ike **-ha**
 REFL entrar **INST**
 ‘entrada’
- (131) je- -juka **-ha**
 REFL matar **INST**
 ‘arma’
- (132) mbogue **-ha**
 apagar **INST**
 ‘apagador’
- (133) mbo- kua **-ha**
 CAUS buraco **INST**
 ‘perfurador’
- (134) t- eko **-ha**
 lugar **INST**
 ‘lugar de viver’
- (135) jahu **-ha**
 tomar banho **INST**
 ‘banheiro’

²¹ Maiores explicações sobre as diferenças entre os morfemas homônimos *-ha* (circunstancial) e *-ha* (agentivo), verificar Barbosa, Cabral & Martins (2017, no prelo).

²² Sobre o uso do morfema que indica voz reflexiva ser utilizado na constituição de nomes em função argumental, ver Mejia (2017).

O sufixo Agente Habitual **-vo** estabelece nomes relacionados a ações habituais:

(136) o- iko **-vo**
 3 estar.em.movimento **AH**
 ‘o que vive habitualmente’

(137) o- ho **-vo**
 3 ir **AH**
 ‘o que vai habitualmente’

(138) o- -u **-vo**
 3 vir **AH**
 ‘o que vem habitualmente’

(139) o- karu **-vo**
 3 comer **AH**
 ‘o que come habitualmente’

(140) o- menda **-vo**
 3 casar **AH**
 ‘o que casa habitualmente’

(141) o- ke **-vo**
 3 dormir **AH**
 ‘o que dorme habitualmente’

(142) o- ko’u **-vo**
 3 beber.bebida.alcoólica **AH**
 ‘o que bebe habitualmente’

O sufixo paciente **-py** forma nomes de referentes que sofrem a ação do verbo relacionado, constituindo nomes pacientes:

(143) je- hai **-py** -re
 REF escrever **PAC** RETR
 ‘o que foi escrito, texto’

- (144) je- japo **-py** -re
REF fazer **PAC** RETR
'o que foi feito'
- (145) nhe- mandua **-py** -re
REF lembrar **PAC** RETR
'o que foi lembrado'
- (146) o- je- 'u **-py** -re
3 REF **ingerir** **PAC** RETR
'o que foi comida'
- (147) t -embi apo **-py** -re
R⁴ N.OBJ fazer **PAC** RETR
'o que permitiu ser feito'
- (148) i- nhogatu **-py** -re
R² guardado **PAC** RETR
'o que foi guardado'
- (149) nhe- mbojy **-py** -re
REF assar **PAC** RETR
'o que foi assado'

O sufixo propedente (que tem propensão de) identificado para o Tupinambá não foi encontrado em Kaiowá até o presente momento, entretanto, com a mesma função do sufixo *-swér* do Tupinambá, encontrou-se o morfema desiderativo *se* seguido de um morfema que é utilizado para atenuar também expressões:

- (150) jerure **-se** -mi
pedir **DES** ATEN
'pidonho'
- (151) puka **-se** -mi
rir **DES** ATEN
'risonho, o que gosta de rir'

- (152) o- nhe'ẽ **-se** -mi
 3 falar **DES** ATEN
 'falador'

O sufixo Nominalizador de Predicado *-va'e ~ -va*

O *-va'e ~ -va* é um sufixo nominalizador de predicado, consideramos, assim como Rodrigues (1981), como um sufixo derivacional, que vai acoplado a um predicado de natureza verbal ou nominal:

- (153) nd= o- u -i **-va'e** voi ha'e
 não 3 vir NEG **NOM** ENF este
 'o que não veio mesmo'

- (154) pe kwimba'e a- h- aihu **-va'e** voi
 esse homem 1 R² amar **NOM** ENF
 'esse homem que amo'

- (155) che a- i- kuaa mbo'eháry r- embiapo **-va'e** voi
 1 1 R² saber professor R¹ trabalho **NOM** ENF
 'eu conheço o trabalho do professor'

O sufixo Nominalizador de Complemento Circunstancial: *-gwa*:

- (156) y -pe **-gwa**
 água LP **N.CIRC**
 'o que está na água'
- (157) amóva ka'agwi -pe -gwa
 aqueles mato LP **N.CIRC**
 'aqueles que estão no mato'
- (158) che Ø- po -pe **-gua**
 1 R¹ mão LP **N.CIRC**
 'o que está na minha mão'

Embora Cardoso (2008) tenha considerado os sufixos *-kwe/-ngwe* e *-rã* como morfemas derivacionais que marcam o tempo nos nomes, assumimos que se tratam de

morfemas derivacionais cujo objetivo é atualizar o estado atual de existência do referente no discurso, isto é, sua função não é determinar o tempo passado ou futuro de um nome, mesmo porque não há em Kaiowá a categoria gramatical Tempo em verbos, propriedade prototípica dessa classe de palavras, o que nos faz supor que também não há Tempo nos nomes. Esse posicionamento já tem sido assumido por diversos pesquisadores que descrevem línguas Tupí-Guaraní, fundamentado em Rodrigues (1981, 2001).

Em Kaiowá, temos, portanto, o sufixo Retrospectivo *-kwe/-ngwe*, ~ *-re* cuja função é atualizar o estado de existência do referente no discurso, considerando “o que era, o que foi e não é mais”; e o sufixo Prospectivo (*-rã*) “o que será ou deverá ser”. Caso as noções semânticas fossem meramente temporais, não seria possível a ocorrência dos morfemas simultaneamente em um nome, mas isso é perfeitamente aceitável em Kaiowá.

(159a) i- ména
R² esposo
‘esposo dela’

(159b) i- ména **-kwe**
R² esposo **RETR**
‘ex-esposo dela’

(159c) i- ména **-rã**
R² esposo **PROSP**
‘noivo dela’

(159d) i- ména **-rã** **-ngwe**
esposo **PROSP** **RETR**
‘o que seria esposo dela’

(160a) i- kyha
rede
‘rede dele/dela’

(160b) i- kyha **-kwe**
rede **RETR**
‘o que foi rede’

- (160c) i- kyha **-rã**
 rede **PROSP**
 ‘o que será rede’
- (160d) i- kyha **-rã** **-ngwe**
 rede **PROSP** **RETR**
 ‘o que seria rede’
- (161a) hai -py **-re**
 escrever PAC **RETR**
 ‘o que foi escrito’
- (161b) hai -py **-rã**
 escrever PAC **PROSP**
 ‘o que será escrito’
- (161c) hai -py **-rã** **ngwe**
 escrever PAC **PROSP** **RETR**
 ‘o que seria escrito’

3.5 A composição em Kaiowá

Para tratarmos do processo de composição em Kaiowá, fundamentamos nossa análise em Bybbe (1985) e em Rodrigues (2011 [1951]).

O processo de composição não pode ser analisado como uma combinação de raiz mais afixos, e sim como uma combinação de raízes que possuem traços semânticos próprios. Dessa combinação surge uma nova palavra, com novo significado. No processo de composição tais palavras serão completadas fonologicamente e semanticamente. Esse processo de formação de palavras assemelha-se com expressão lexical em que o resultado unitário é uma palavra, e o significado desta palavra não é previsível, ou seja, não é uma mera soma de significados de suas partes. Os resultados do processo de composição são lexicalizados (BYBBE, 1985, p. 105).

Rodrigues (2011 [1951]) distingue duas espécies de composição: a composição propriamente dita e a incorporação. Na composição propriamente dita, e é a que nos interessa neste estudo, há dois ou mais temas que formam um novo nome, que na oração

se comporta como uma unidade lexical. Esses compostos formados são divididos em dois grupos: determinativos e atributivos.

Os compostos chamados de determinativos “são constituídos por temas de substantivos, dos quais o primeiro é o determinante, e o segundo o determinado” (RODRIGUES, (2011 [1951], p. 26).

Exemplos de composição em Tupinambá:

(162) pirá + ñandy = **piráñandy**
peixe óleo ‘óleo de peixe’ – Rodrigues (2011 [1951], p. 26)

(163) mén + sý = **mendy**
marido mãe ‘sogra’ – Rodrigues (2011 [1951], p. 26)

Em Kaiowá, também temos exemplos desse tipo de formação:

(164) h ova + tĩ = **hovaitĩ**
R² rosto vergonha = ‘repreender’

(165) jasy + tata = **jasytata**
lua fogo = ‘estrela’

Nos compostos chamados de atributivos, o primeiro elemento é o determinado e o segundo o determinante; este exprime um atributo daquele. O determinado sempre é um tema de substantivo, o determinante pode ser um tema de substantivo ou um tema verbal. Quando o determinante é tema do substantivo, o composto pode ser apositivo ou possessivo (RODRIGUES, (2011 [1951], p. 26).

No composto apositivo o determinante funciona com aposto do determinado e no composto possessivo é indicado que o determinado possui ou contém em si o determinante (RODRIGUES, (2011 [1951] p. 27).

Exemplos de compostos apositivos em Tupinambá, segundo Rodrigues:

- (166) aipí + iurumú = **aipíiurumú**
aipim abóbora ‘abóbora’ – Rodrigues (2011 [1951], p. 27)
- (167) ybá + kamusí = **ybákamusí**
fruta pote ‘fruta-pote’ – Rodrigues (2011 [1951], p. 27)
- (168) guyrá + jaguar = **gyráiaguára**
pássaro onça ‘pássaro-jaguar’ – Rodrigues (2011 [1951] p. 27)

Em Kaiowá, também identificamos compostos apositivos:

- (169) andai + aky = **andai aky**
abóbora verde ‘abobrinha’
- (170) gwyrá + kampána = **gwyrá kampána**
pássaro campana ‘araponga’
- (171) gwyrá + tĩ = **gwyratĩ**
pássaro branco ‘garça’
- (172) ka’a + y = **ka’ay**
mato água ‘mate, da erva-mate’
- (173) kunha + taĩ = **kunhataĩ**
mulher criança ‘moça’
- (174) kyryri + ju = **kyryriju**
mulher amarelo ‘arara amarela’

Exemplos de compostos atributivos em Tupinambá, em que o determinante é um tema verbal, conforme Rodrigues (2011 [1951] p. 27):

- (175) teiú + ñán = **teiúñána**
teju correr ‘teju corredor’ – Rodrigues (2011 [1951], p. 27)

(176) pirá + ßéßé = **piráßéßé**
peixe voar 'peixe voador – Rodrigues (2011 [1951], p. 27)

Não identificamos em Kaiowá compostos atributivos cujo determinante é um tema verbal.

Assim, identificamos no processo de composição propriamente dita da língua Kaiowá: composição determinativa, composição atributiva apositiva, composição atributiva possessiva e composição atributiva cujo determinante é um tema verbal. É preciso ainda uma investigação com um maior número de dados para elucidar o processo de composição desta língua. Finalizamos aqui nossa discussão e proposta de descrição acerca dos nomes em Kaiowá.

CAPÍTULO 4

PREDICADOS NOMINAIS EM KAIOWÁ

Neste capítulo desenvolvemos uma breve descrição das propriedades sintáticas dos nomes como núcleos de predicado. Para mostrar que há nomes em Kaiowá que predicam, utilizamos os trabalhos de Rodrigues (1996, 2001). Cabe ressaltar que Cardoso também descreve os predicados nominais existentes em Kaiowá, no entanto, apresentamos uma revisão e uma ampliação desse aspecto da língua, considerando como nomes o que Cardoso (2008) considera como verbos intransitivo inativo, além disso, demonstramos que nessa língua a construção de um predicado nominal não necessita de uma cópula, diferentemente do que foi proposto por Cardoso (2008).

Dessa forma, este capítulo apresenta os seguintes pontos de discussão: nome em função de núcleo de predicado conforme Rodrigues (1996); apresentação da descrição sintática de Cardoso (2008), a revisão das reflexões linguísticas sobre a língua até o presente, considerando os critérios que temos utilizado para assumirmos o que é o nome na língua, bem como nosso entendimento sobre o que é verbo, em especial, cópula.

Em nossa discussão, também subclassificamos os predicados nominais identificados como existencial, equativo e atributivo, assim como Rodrigues (2001), Payne (1997), e Cardoso (2008).

4.1 Predicados nominais

Com base nos estudos de Payne (1997, p. 111), as sentenças que expressam inclusão, equação, atribuição, locação, existência e posse, nas quais o conteúdo semântico é expresso por um substantivo são chamados de predicados nominais. Sendo que as construções existenciais predicam a existência de alguma entidade, geralmente em algum local especificado; as construções locacionais predicam locação/lugar; e as sentenças possessivas predicam posse.

Para Payne (1997), os predicados nominais expressam duas noções: de inclusão e equação. Na inclusão, o sujeito da oração é específico e o predicado nominal é um não-específico. Nas sentenças equativas o sujeito da oração é idêntico à entidade especificada no predicado nominal.

4.2 – Predicados nominais em Kaiowá segundo Cardoso (2008)

Primeiramente Cardoso (2008, p. 130) trata os predicados nominais (não-verbais) como “aqueles cujos núcleos não são constituídos por verbos, e estabelecem relações de posse, identidade e locação”.

Cardoso apresenta os três tipos de predicados nominais em Kaiowá: possessivo, equativo e locativo. Nos predicados possessivos, o núcleo é um nome que estabelece uma relação de posse com um nome ou pronome na função de um argumento. Nas orações negativas, o predicado possessivo é marcado pelo que ela considera como morfema de negação descontínuo {na- ... -i}.

Os predicados equativos estabelecem uma relação de identidade, o argumento do sintagma nominal é idêntico à entidade especificada no predicado nominal.

E, por fim, Cardoso (2008, p. 131) define as orações com predicados locativos como orações “constituídas por um sintagma nominal em função do sujeito e de um núcleo adverbial em função do predicado”. Essas orações são negadas por meio do morfema descontínuo de negação {na- ... -i} que, em geral, negam predicados (CARDOSO, 2008).

Em relação aos verbos intransitivos inativos, Cardoso (2008) afirma que verbo intransitivo inativo marca a categoria de pessoa com os pronomes clíticos da série II (che, nde, nhande, ore, pende), no que se assemelha à marcação de objeto (O) em verbos transitivos.

Cardoso (2008) também descreve uma classe de palavras como verbo intransitivo inativo, são verbos intransitivos inativos aqueles que não ocorrem com prefixos da série I e III (a-, re-, o-, ro-, pe-). Para a autora, os intransitivos inativos recebem um argumento apenas, o sujeito. Este argumento externo vem marcado por pronomes clíticos da série II e prefixos relacionais. Essas palavras constituem predicados e possuem propriedades semânticas de estado, atributo ou qualidade, condição, etc. Para Cardoso (2008), são verbos intransitivos inativos em Kaiowá: *rasẽ* ‘chorar’, *porã* ‘ser bom’, *ri’anhu* ‘estar madura’, entre outros.

Neste trabalho, adotamos a proposta de Rodrigues para o Tupinambá, que a subclasse de verbos intransitivos inativos são nomes em função de núcleo de predicado. Vilhalva e Silva (2017) também adotam a proposta de Rodrigues e mostram que o fenômeno que considera nomes de ação e atributivos associados a pronomes pessoais e

que formam predicado, mesmo com propriedades nominais, também é recorrente no Guaraní Paraguaio e Guaraní Ñandéva.

4.3 – Predicados nominais em Kaiowá – uma proposta de descrição

Para a descrição dos predicados nominais em Kaiowá utilizamos a descrição Rodrigues (2001) para o Tupinambá. Nas línguas Tupí-Guaraní os nomes funcionam como núcleos de predicado, função argumental e circunstancial.

Rodrigues apresenta a seguinte classificação para os predicados nominais: Predicados Existenciais, Predicados Possessivos e Predicados Equativos.

Em Tupinambá, os predicados existenciais são expressos pelo nome sem caso argumentativo (índice nominal) conforme o exemplo abaixo:

(177) aóβ ‘há roupas’

Em Kaiowá, como houve a perda do caso argumentativo, a língua precisou acionar outros mecanismos para garantir a existência de predicados com valor existencial. Tem sido utilizado o verbo -ime ‘estar em pé’ na construção da sentença.

(178) o- ime peteĩ óy
 3 estar.em.pé uma casa
 ‘há uma casa’

(179) o- ime peteĩ cachorro apy
 3 estar.em.pé uma casa aqui
 ‘há um cachorro aqui’

(180) o- ime peteĩ mbo’e r- óy t- eko -ha -py
 3 estar.em.pé uma ensinar R¹ casa R⁴ estar.em.movimento CIRC LP
 ‘há uma escola na aldeia’

Em predicados negados, verificamos que o nome continua sendo o núcleo do predicado existencial, o que revela que a negação preserva estruturas mais conservadoras na língua²³.

(181a) nd = Ø- óga -ri
 não R⁴ casa NEG
 ‘não existe casa’

(181b) nda= h- óga -i
 não R² casa NEG
 ‘não existe a casa dele’

Sobre os predicados possessivos, Rodrigues (2001, p. 111) afirma que “estes são expressos pela sequência de um nome no caso argumentativo, o qual é o sujeito, e outro nome sem caso, o qual é o predicado”. Conforme exemplos:

(182) sjé aríj -a s- ekújpéß
 1 avó ARG R² cuia.rasa
 ‘minha avó tem uma cuia rasa’ – Rodrigues (2001, p. 111)

Em Kaiowá, os predicados possessivos apresentam o verbo *-reko* ‘ter’ (r- C.COM + eko ‘estar em movimento’) como núcleo dos predicados que expressam semanticamente essa relação. Vilhalva e Silva (2017) discutem este tipo de predicado e afirmam que com predicados negados pelo sufixo *-i* não há a necessidade do verbo.

(183) xe a- r- eko mitã kwimba’e
 1 1 C.COM estar.em.movimento criança homem
 ‘eu tenho filho’

(184) xe a- r- eko o- memby kwimba’e
 1 1 C.COM estar.em.movimento R³ filho.da.mulher homem
 ‘eu tenho filho’

²³ A negação de sentenças no modo indicativo é realizada por meio do sufixo de negação de predicado *-i*. Sobre a negação em Kaiowá, ver Martins & Catão (2016, 2017 no prelo).

(185) nda= xe memby -ri
 não 1 filho.da.mulher NEG
 ‘não tenho filho’

Rodrigues (2001) afirma que os nomes de qualidade ou atributos, quando predicados, também são construídos possessivamente e os classifica como predicados atributivos.

(186) sjé aríj -a s- oríβ
 1 avó ARG R² estar.alegre
 ‘minha avó tem alegria’, ‘minha avó está alegre’ – Rodrigues (2001, p. 111).

Em Kaiowá, nomes de ação e nomes atributivos constituem predicados nominais atributivos e existenciais.

(187) xe xe Ø- porã
 1 1 R¹ bom
 ‘sou bom’

(188) xe xe Ø- vai
 1 1 R¹ mau
 ‘sou mau’

(189) xe Ø- mandua Maria r- ehe
 1 R¹ lembrar Maria R¹ REL
 ‘existe a minha lembrança em respeito à Maria / eu me lembro de Maria’

(190) xe r- esarái Maria Ø- gwi
 1 R¹ esquecer Maria R¹ ABL
 ‘existe o meu esquecimento afastando-me de Maria / eu me esqueci da Maria’

Para Rodrigues (2001), os predicados equativos expressam uma equação entre dois argumentos e têm por núcleo um nome no caso argumentativo, o qual normalmente precede o sujeito (igualmente no argumentativo), mas também pode segui-lo com

pequena pausa interposta. Como exemplos de predicados equativos, Rodrigues (2001) apresenta:

(191) kó apiáβ -a sjé r- úβ -a
 este homem ARG 1 R¹ pai ARG
 ‘meu pai é este homem’ – Rodrigues (2001, p. 111)

(192) Iporose’õ sjé r- éra
 Iporose’õ 1 R¹ nome
 ‘meu nome é Iporose’õ’ – Rodrigues (2001, p. 111)

Predicados Equativos em Kaiowá:

(193) xe i- túva
 1 R² pai
 ‘eu sou pai dele’

(194) xe ha’e i- sy
 1 este R² mãe
 ‘eu sou mãe dele’

(195) xe i- mbo’ehára
 1 R² professor
 ‘eu sou professor dele’

(196) xe ha’e i- mbo’ehára
 1 este R² professor
 ‘eu sou professor dele’

(197) xe Ø- mbo’ehára
 1 R¹ professor
 ‘eu sou professor’

(198) ore Ø- mbo’ehára kwéry
 1pl.excl. R¹ professor COL
 ‘nós (exclusivo) somos professores

Neste breve capítulo, apresentamos os tipos de predicados nominais identificados a partir dos dados disponíveis. Verificamos que a negação tem auxiliado na identificação de estruturas mais conservadoras da língua e que mesmo perdendo o Caso Argumentativo, a língua Kaiowá tem desenvolvido outros mecanismos para utilizar nomes em função argumental e nomes como núcleos de predicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação foi apresentar uma descrição de nomes e predicados nominais da língua Kaiowá. O trabalho de descrição de uma língua indígena é um trabalho científico que requer, além de teorias linguísticas, conhecimentos históricos e culturais da língua que está sendo descrita.

Assim, também nos preocupamos em apresentar aspectos históricos e culturais para contextualizar quem são os falantes desta língua e também questões acerca da Educação Escolar Indígena, onde a língua Kaiowá aparece em realidade de uso e ensino conforme foi apresentado no primeiro capítulo.

No capítulo II, nosso olhar voltou-se para os trabalhos descritivos já realizados acerca da língua Kaiowá. Apontamos de maneira sucinta o estado da arte da língua Kaiowá e evidenciamos o protagonismo dos professores indígenas guarani e kaiowá que passaram pela Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu* e que propuseram a discutir em seus trabalhos de conclusão de curso a sua própria língua.

No capítulo III, “A classe de nomes em Kaiowá” com base no trabalho de Cardoso (2008), realizamos uma revisão para ampliar os aspectos morfológicos e sintáticos em torno da categoria Nome em Kaiowá apoiados, principalmente, nos trabalhos de Aryon Rodrigues para as línguas Tupí-Guarani.

Desta forma, a partir dos objetivos que nos propomos a esclarecer, podemos afirmar que a categoria Nome em Kaiowá é uma classe identificável morfológicamente que não recebe prefixos pessoais e pode ser dividida em dois tipos: absolutos e relativos. É importante destacar que os nomes em Kaiowá não apresentam a categoria de gênero e consideramos também que esta língua não possui morfemas específicos para indicar número (singular e plural). Esclarecemos a partir de Cabral (2001) que os nomes relativos recebem flexão relacional e apresentamos os prefixos relacionais desta língua. Além disso, evidenciamos como se dá culturalmente o processo de nomeação em Panambizinho.

Sobre a formação dos nomes em Kaiowá, consideramos importante descrever como se dá o processo de derivação e flexão desta língua, portanto, apresentamos os morfemas flexionais e derivacionais da língua. Em relação à flexão casual, fundamentado em Rodrigues (1996), apresentamos para a língua Kaiowá o caso translativo e o caso

locativo pontual. É importante ressaltar, conforme dito anteriormente, que nesta língua não há a marcação do caso acusativo.

Também a partir do trabalho de Rodrigues (1981), desenvolvemos o conhecimento do processo de derivação em Kaiowá e apresentamos dados nos quais aparecem os morfemas derivacionais endocêntricos e exocêntricos.

E com o intuito de finalizar nossa proposta de descrição, no capítulo IV apresentamos os predicados nominais em Kaiowá. Nesta língua há nomes em função de núcleo de predicado e apresentamos uma subdivisão para os predicados nominais em existencial, equativo e atributivo.

Finalizamos esta dissertação com uma proposta acerca da categoria Nome em Kaiowá, entretanto, acreditamos que este trabalho pode ser ampliado na descrição desta e de outras categorias linguísticas. Também temos expectativa de continuar na descrição da língua Kaiowá, aprofundando questões que foram aqui tratadas.

Acreditamos também que a presente pesquisa possa resultar em uma contribuição significativa para os professores Guarani e Kaiowá que estão diariamente no ensino de sua língua materna em suas aldeias, e que motive outras investigações acerca da língua Kaiowá e de outras línguas indígenas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, E. B. L. de. **Dicionário bilíngue Kaiwá-Português**. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas-MS: UFMS, 2014.
- BRAND, Jacob. **O confinamento e seu impacto sobre os pai-Kaiowá**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1993.
- _____. **O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani**: os difíceis caminhos da palavra. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUC, 1997.
- BRIDGEMAN, L. I. **A note on stress in Kaiwá**. Arquivo Linguístico no 225. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic, 1960.
- _____. **Kaiwa (Guarani) phonology**. International Journal of American Linguistics, 27, 1961, p. 329-334.
- _____. **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- _____. **Dicas sobre a língua Kaiwá**. Sociedade Internacional de Linguística – SIL, 2001.
- BYBBE, J. L. **Morfology**. A Study of the Relation between Meaning and Form. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, v. 9.
- BORVÃO, Delfino. **Neologismos da língua Guarani usados no Cone Sul de MS**. FAIND. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.
- CABRAL, A.S.A.C. Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní. **Boletim da ABRALIN** 25:213-262. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2001.
- _____. As categorias nome e verbo em Zo'e. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Orgs.). **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v.1, p. 241-257.
- CÁCERES, Maciel V. O empréstimo linguístico na Aldeia de Porto Lindo. FAIND. 2011.
- CARDOSO, V. F. **Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani**. Dissertação (Mestre), Centro Universitário de Três Lagoas, UFMS, Três Lagoas –MS, p. 115, 2001.
- _____. Categorias sintagmáticas lexicais da língua Kaiowá/Guarani. In: Baronas, R. L. **Identidade Cultura e Linguagem**. Cáceres, MT: Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a.

_____. Estudo Preliminar da Morfossintaxe verbal da língua Kaiowá/Guarani. In: **Grupos de Estudos Lingüísticos (GEL)**, 2005b. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2016).

_____. Marcadores de pessoa em Kaiowá/Guarani. In: **Revista Ave Palavra**, edição nº 9, julho de 2006. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/09/artigos/CARDOSO.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2016.

_____. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização. In: **Caderno de Qualificações**. IEL – UNICAMP (aceito para publicação em 06/11/2007).

_____. **Aspectos morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP: [s.n.], 2008a.

_____. Negação em Kaiowá. In: **Revista Ave Palavra**, edição nº 10, dezembro de 2008b. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/10/artigos/CARDOSO.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2016.

_____. Gramática Kaiowá: estratégias de marcação de caso. In: Dercir Pedro de Oliveira. (Org.). **Estudos linguísticos-gramática e variação**. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2011, v. 1, p. 75-90.

_____. **Descrição gramatical do Kaiowá (Guarani)**: pontos essenciais. Editora (Reino Unido e Alemanha), Novas Edições Acadêmicas, 2015.

CASTELÃO, Renata. **Uma discussão sobre o uso da ortografia por estudantes e professores da Aldeia Te'yikue**. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

CATÃO, Hemerson. **Descrição de Línguas Indígenas na Licenciatura Intercultural Indígena**. Trabalho apresentado no II Seminário da Área de Linguagens das Licenciaturas Indígenas – SEALLIN. Ji-Paraná/RO, 2016.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul**. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2013.

CHAMORRO, Graciela. **História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos**. São Bernardo do Campo: Editora Nhanduti, 2015.

CHAMORRO, Graciela; Combes, Isabelle (orgs). **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

CONSCIENZA, Fábio. **Antroponímia Kaiowá: Téry tee Tekoha Panambizinho-py.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

DIRECCIÓN GENERALEAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS (DGEEC). Memoria del II Censo Nacional de Población y Viviendas. Asunción: STP-DGEEC, 2002.

_____. Censo Nacional de Población y Viviendas. Asunción: STP-DGEEC, 2002.

_____. Pueblos indígenas en el Paraguay: Resultados finales 2012. In: CENSO NACIONAL DE POBLACIÓN Y VIVIENDAS PARA PUEBLOS INDÍGENAS, III., 2012, Asunción. Anais... Asunción: STP-DGEEC, 2012. Disponível em: www.dgeec.gov.py. Acesso em 06 jan 2017.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory.** v. 1. Oxford: Oxford University Press, 2010a.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory.** v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2010b.

_____. **Basic linguistic theory.** v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2010c.

FERNANDES, Elizabete. **Uma análise dos empréstimos do Português no Guarani – Kaiowá utilizados por estudantes do 9º ano da Escola Ñandejára Pólo – Aldeia Te'yikue.** 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

GARAI, Ramona Martins. **Proposta de elaboração de material didático bilíngue a partir de receitas medicinais tradicionais.** 2012. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2012.

GARAI, Waneide. **Ensino de língua materna por meio de narrativas e poemas: proposta didática.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

GODOI, Lurdes. **O ensino de língua guarani na escola Jeguaka Poty da aldeia de Guaimbé Pery.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

GODOY, Rodolfo; FERNANDES, Hermínio. **Possessivos e Demonstrativos em Guarani: uma proposta de material didático.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

HARRISON, C. H. e J. M. TAYLOR. **Kaiwá phonemes and syllable structure.** Summer Institute of Linguistics, 1958.

_____. **Nasalization in Kaiwá.** In: D. Bendor-Samuel (ed.) Tupi Studies 1, University of Oklahoma, Norman, 1971, p. 15-20.

KNAPP, Cássio. **O ensino bilíngue e educação escolar indígena para os guarani e kaiowá de MS.** Tese de Doutorado. Dourados: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

LOPES, Edgar; Centurion, André. **Proposta de material de leitura para o ensino de Guarani Nandéva e língua portuguesa na Terra Indígena Porto Lindo – MS.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

LOPES, Edson; MONTIEL, Janaína Pereira. **Verbos transitivos em Guarani: uma proposta de material didático.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

LOPES, Laíde. **Um estudo de variação lexical e fonológica a partir da fala de velhos e jovens da reserva indígena Taquapery.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

MACHADO, Junior Joel Lopes, GOMES, Irene Reginaldo. **O substantivo na língua kaiowá: uma proposta de material didático.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

MACIEL, Nely Aparecida. **História da Comunidade Kaiowá da aldeia Panambizinho (1920-2005).** Dourados: Editora UFGD, 2012.

MARTINS, A.M.S. A presença do prefixo correferencial de terceira pessoa em uma variedade da língua Kaiowá. In: PRIA, Albano Dalla et al. (Orgs.). **Linguagem e línguas: invariância e variação.** Campinas-SP: Pontes, 2014a.

NUNES, Edvaldo. **Empréstimos na fala em Guarani na Aldeia de Cerrito.** 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

NUNES, Nelinho. **Posições em Guarani: uma proposta de material didático.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

OLIVEIRA, Cleberson; FERNANDES, Zenilton. **Levantamento de empréstimos e neologismos na língua Kaiowá falada na aldeia Bororó da Reserva Indígena de Dourados.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

ORNELO, Midônio Dias. **A fricativa glotal na variedade do Guarani Nandéva da Terra Indígena de Porto Lindo – um primeiro levantamento.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax: a guide for field linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PIRES, Silvio. **Retomada de Potrero Guassu e implantação de uma escola indígena nessa área: proposta de material de leitura Guarani/Português**. 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. In: **Revista de Antropologia, separata dos volumes XXXVII/XXVIII**. São Paulo, 1984/1985.

_____. Análise morfológica de um texto Tupí. Logos 15:56-77, Curitiba. Republicado na Revista de Linguística Antropológica, v. 3, n.1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 45-62. Aryon Dall’Igna Rodrigues (editor), Ana Suely Arruda Câmara Cabral (co-editora).

_____. **A composição em Tupí**. Logos 14:63, 1951, Curitiba. Republicado na Revista de Linguística Antropológica, v. 3, n.1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 23-30. Aryon Dall’Igna Rodrigues (editor), Ana Suely Arruda Câmara Cabral (co-editora).

_____. **Argumento e Predicado em Tupinambá**. Boletim da ABRALIN, n. 19, p. 57-66, 1996. Republicado na *Revista de Linguística Antropológica*, v. 3, n.1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 93-102. Aryon Dall’Igna Rodrigues (editor), Ana Suely Arruda Câmara Cabral (co-editora).

_____. Estrutura do Tupinambá, 1981, ms. Publicado em CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D.; DUARTE, F.B. Línguas e Culturas Tupí. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília; LALI/ Unb, 2010, pp. 11-42.

RODRIGUES, Catalina. **Coleta de nomes e histórias das sementes da T.I. Te’yikue/Caarapó para produção de material didático**. 2012. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2012.

ROMERO, Maria Aparecida. **Levantamento de dados lexicais para um estudo posterior sobre a variação lexical e fonológica na língua Kaiowá falada na Reserva Indígena Sessoró**. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

SALINA, Gloria. **Ensino de língua Guarani através de Narrativas** – Proposta didática. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

SEKI, L. **Gramática Kamaiurá: Língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP.

SILVA, C. A. do N. **O uso de neologismos por empréstimo em Kaiowá: um estudo preliminar da versão do novo testamento bíblico.** Dissertação de Mestrado. Três Lagoas-MS: UFMS, 2011.

SOUZA, Janete de. **Levantamento de empréstimos e neologismos na língua Kaiowá falada na aldeia Jaguapiru da Reserva Indígena de Dourados.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

TAYLOR, J. M. Marcação temporal na língua kaiowá. In: R. A. Dooley (ed.), **Estudos sobre línguas tupí do Brasil**, 37-121. Série Lingüística, 11. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1984a.

_____. **A Interrogação na Língua Kaiowá.** *Série Lingüística*, n.11, pp. 123-156, 1984b.

TAYLOR, J. & TAYLOR, A. **Statement of Kaiowá grammar from clause to morpheme level.** Arquivo Lingüístico 44: Dourados, MS. SIL, 2010 [1966], p. 1-30.

_____. **Gramática Pedagógica da Língua Kaiowá.** SIL, s/d.

VERA, Luciana; BENITES, Elenir. **Proposta de produção de material de leitura: histórias contadas pelos mais velhos.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

VILHALVA, Elizabete Benites; SOARES, Crispim. **Propostas Didáticas no Ensino de Português como Segunda Língua para indígenas Guarani/Kaiowá.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

VILHALVA, Felizberto Correa; Silva, Eldo da. **Argumento e Predicado em Kaiowá: uma proposta de análise linguística para o ensino de verbos e nomes nas escolas indígenas guarani e kaiowá.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

XIMENDES, Marilene Aquino. **Proposta de Material Didático para o ensino de língua materna.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.